



FACONNECT/ A CASA TOMBADA

Ana Luísa de Mattos Masset Lacombe

UM CHÁ COM VELHAS REAIS E IMAGINÁRIAS

Reflexões sobre contos tradicionais

e suas possíveis interpretações nos tempos atuais

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu **NARRAÇÃO ARTÍSTICA: CAMINHOS PARA CONTAR HISTÓRIAS EM CONTEXTO URBANO** apresentado como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de especialista em **NARRAÇÃO ARTÍSTICA**, sob orientação do Prof. Dr. Giuliano Tierno e da Profa. Ms. Letícia Liesenfeld Erdtmann, com co-orientação da Profa. Ms. Sandra Lessa, Profa. Dra Keu Apoema, Profa. Dra Heloisa Toller.

**São Paulo/SP
2023**

RESUMO

Este estudo explora a importância e os papéis das mulheres idosas nos contos de fadas tradicionais da Europa, Rússia e principalmente do folclore brasileiro. A pesquisa estabelece conexões significativas entre esses personagens idosos e a linhagem materna do autor, abrangendo sua mãe, avó, tias e bisavós. Com base nos insights de Silvia Federici, o trabalho utiliza suas teorias como um quadro conceitual. Federici postula que a representação das mulheres em estereótipos e as caças às bruxas históricas são resultados de uma sociedade enraizada no patriarcado capitalista.

Palavras-chave: velhas, contos tradicionais, narrativa de si, Caça às Bruxas, patriarcado, COVID

Abstract: This study delves into the significance and roles of elderly women in traditional fairy tales across Europe, Russia, and predominantly Brazilian folklore. The research establishes meaningful connections between these aged characters and the author's maternal lineage, encompassing her mother, grandmother, aunts, and great-aunts. Drawing upon the insights of Silvia Federici, the work utilizes her theories as a conceptual framework. Federici posits that the portrayal of women in stereotypes and the historical witch hunts are outcomes of a society entrenched in capitalist patriarchy.

Key words: elderly ladies, traditional folk stories, autobiography, Witch Hunting, patriarchy, Covid.

UM CHÁ COM VELHAS REAIS E IMAGINÁRIAS

Reflexões sobre contos tradicionais
e suas possíveis interpretações nos tempos atuais



Figura 1 - acervo pessoal

SUMÁRIO

1. AS CONVIDADAS PARA O CHÁ	6
1.1 Minhas velhas	8
1.2 Bruxas ou sábias?	17
2. QUE ENTREM AS CONVIDADAS	20
2.1 Velha Mítica - "Deusa" - Força Da Natureza	20
2.1.1 Holda e a Senhora Holle	21
2.1.2 Mães do Sol, da Lua e do Vento nos contos brasileiros	23
2.2 Velha Doadora	25
2.2.1 Velha conselheira	26
2.2.2 Velha fada	26
2.3 Velhas Bruxas e Feiticeiras	27
2.3.1 A Cuca	27
2.3.2 Baba Yagá e Velha de João e Maria	30
2.3.3 Outras bruxas e feiticeiras brasileiras	36
2.4 Velha "Cômica"	38
2.5 Velha Adivinha	40
3. LAVANDO A LOUÇA DO CHÁ	48
4. REFERENCIAL	51
4. ANEXO - HISTÓRIAS	54

FOTOS DO ÁLBUM

FOTO 1	Acervo pessoal	3
FOTO 2	Natal de 2018. Abraçando minhas velhas queridas - acervo pessoal	7
FOTO 3	Festa dos 100 anos de minha avó. Lendo um poema de Jacques Prévert em sua homenagem – acervo pessoas	8
FOTO 4	- Minha avó e mãe se encontrando pela primeira desde o início da pandemia para comemorar o aniversário de 80 anos - acervo pessoal	8
FOTO 5	Meu pai e minha mãe com a torta pelos 60 anos de casados. Foto enviada por eles pelo celular - acervo pessoal	9
FOTO 6	Página do diário de minha avó - acervo pessoal	10
FOTO 7	Quadro e minha avó - acervo pessoal	11
FOTO 8	Caixa lógico-simbólica - Material criado, produzido e vendido pela minha mãe para trabalho psicopedagógico - acervo pessoal	11
FOTO 9	Foto de João Caldas. João chegando com as penas - temporada no Teatro Sérgio Cardoso	13
FOTO 10	Aparelho de chá de bonecas de louça que foi de minha bisavó Nita (Mariana) - acervo pessoal	13
FOTO 11	Dinda - Foto de João Caldas temporada no Teatro Sérgio Cardoso	15
FOTO 12	Foto da tampa da caixa de costura – acervo pessoal	23
FOTO 13	Miolo ABC do Amor e do Sexo	36
FOTO 14	Índice ABC do Amor e do Sexo	36
FOTO 15	Diário de minha avó - acervo pessoal	42
FOTO 16	Trecho de entrevista de Ana Maria Gonçalves para a Revista Cult etapas de restauro da tampa do açucareiro	55

1. AS CONVIDADAS PARA O CHÁ

Este é um convite para um chá com velhas reais e imaginárias, com intuito de conversar e aprender com elas. Quero que me contem sobre o seu papel, função e simbolismos, como mulheres enigmáticas que são, nas histórias tradicionais. Convido também para este encontro as minhas próprias velhas – eu, minha mãe e minha avó – assim, nesta troca de saberes, pretendo com esta conversa pensar o reflexo dessas figuras na atualidade.

Encontrei-as num conjunto de contos europeus (Grimm¹ e Perrault²), russos (Afanasiev³) e, especialmente, brasileiros, como os de Câmara Cascudo⁴, Marco Haurélio⁵, Ruth Guimarães⁶ e Sílvio Romero⁷. É um chá animado, cheio de ideias e discussões. Na sala, além das velhas, estão: Clarissa Pinkola Estés⁸, Diana e Mário Corso⁹, Jeffrey B. Russel e Brooks Alexander¹⁰, Joseph Campbell¹¹, Marina Warner¹², Silvia Federici¹³, Vladimir Propp¹⁴, entre outras e outros.

Reuni todas essas figuras com intuito de escutá-las, na busca de refletir sobre as contribuições que essas velhas têm trazido desde tempos imemoriais até hoje para nosso estar no mundo. Algumas delas foram retratadas como bruxas e feiticeiras, carregando uma longa história de perseguição e morte,

¹ Jacob e Wilhelm Grimm. Folcloristas alemães séc.XIX

² Charles Perrault. francês. Escritor e poeta do século XVII.

³ Afanasiev, russo. Folclorista russo do século XIX

⁴ Câmara Cascudo. Historiador, sociólogo, musicólogo, antropólogo, etnógrafo, folclorista, poeta, cronista, professor, advogado e jornalista brasileiro (1898-1986)

⁵ Marco Haurélio, escritor, professor, cordelista e pesquisador da literatura de cordel e do folclore brasileiro. (1974)

⁶ Ruth Guimarães. Poetisa, cronista, romancista, contista e tradutora brasileira (1920-2014)

⁷ Sílvio Romero. Crítico, ensaísta, folclorista, polemista, professor e historiador da literatura brasileira (1851-1914)

⁸ Clarissa Pinkola Estés. Psicóloga Junguiana, poeta e escritora norte-americana. Em 1992, escreveu **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**, em que aborda o arquétipo feminino, seus mistérios e potência com base em mitos, histórias ancestrais e contos.

⁹ Diana Lichtenstein Corso (1960 -) e Mário Corso (1959 -). Psicanalistas e escritores

¹⁰ Jeffrey B. Russel historiador medievalista e cientista da religião estadunidense (1934 -) e Brooks Alexander. Jornalista e estudioso das novas religiões e movimentos espirituais.

¹¹ Joseph Campbell. Mitologista, escritor, conferencista e professor universitário norte-americano, famoso por seus estudos de mitologia e religião comparada (1904 - 1987)

¹² Marina Warner. Historiadora, mitógrafa, crítica de arte, romancista e contista inglesa. (1946 -)

¹³ Silvia Federici. Filósofa contemporânea, professora e feminista autonomista italiana radicada nos Estados Unidos. (1942 -)

¹⁴ Vladimir Propp. Acadêmico estruturalista russo, crítico literário, historiador literário, filólogo, folclorista (1895 -1970)

outras são reveladas como sábias, doadoras de objetos mágicos e segredos; algumas delas, aqui no Brasil, identificadas com Nossa Senhora em diversas narrativas.

Para o encontro, foram convidadas, também, velhas libidinosas e "inadequadas", figuras de contos que, de forma "cômica", trazem representações que perpetuam estereótipos enfrentados por nós até os dias de hoje.

O propósito deste chá não é apenas conversar com elas e homenageá-las, mas também enaltecer sua existência e agradecer os inúmeros ensinamentos que nos legaram e ainda continuam nos proporcionando.

Começo puxando a conversa e contando sobre a dolorosa experiência da perda de minha avó e de minha mãe durante a pandemia da COVID-19. Abordo a angústia da impossibilidade de despedida, a impotência diante das atrocidades cometidas pelo desgoverno do país e o pesar diante das centenas de velhas e velhos que sucumbiram, enquanto percebo que também estou ficando velha.

As velhas dos contos colocam suas ervas no bule e, enquanto despejam a água quente sobre elas para fazer o chá, narram histórias e nos levam a mergulhar nas profundezas dos contos tradicionais para explorar as suas complexidades, trazendo à tona aspectos marcantes, como sua sabedoria e maldade.

Silvia Federici pede licença para pontuar algumas questões e, enquanto sorve alguns goles deste chá, nos conta sobre seu estudo a respeito do período da Caça às Bruxas, desvendando os fatores econômicos, políticos, religiosos e sociais que permearam essa sombria página da história humana. Este pano de fundo revela a construção do papel social das mulheres, sob o jugo do patriarcado. Aliás, Federici pediu a palavra em vários momentos e todas nós ouvimos com atenção, pois este contexto revela muito sobre nós, mulheres, e sobre nossos papéis na história das sociedades.

Câmara Cascudo, se servindo de um pouco de leite, leu para nós o verbete sobre as velhas de seu Dicionário do Folclore Brasileiro e nos forneceu uma base para a compreensão dessas figuras no nosso imaginário. Este encontro foi organizado pelo desejo de me aproximar mais dos contos de fadas brasileiros, que chegaram até nós através dos colonizadores europeus e

ganharam identidade própria em nosso país. Contudo, Vladimir Propp, que veio de longe, enquanto se abana sentindo calor, nos diz que não podemos deixar de pensar nas origens de tudo isso e, claro, trouxe consigo Baba Yagá, a bruxa eslava, que não poderia ficar de fora desse encontro de velhas, mesmo não tendo tido uma influência direta em nossos contos. Porém, ao conhecê-la veremos que ela tem muitos assuntos para trocar com as nossas velhas.

A conversa vai ficando cada vez mais animada. Vão se servindo dos biscoitinhos e contando suas histórias as velhas europeias, as brasileiras, a russa, todas falando ao mesmo tempo querendo contar de onde vieram. Eis que chegam deusas e sibilas e há um certo silêncio e veneração. Elas desempenham um papel fundamental como berço das bruxas e fadas. Depois de um breve silêncio a conversa volta a animar, pois essas mulheres todas juntas têm muito a dizer.

Resolvi propor um jogo e organizei-as em pequenas mesas, assim cada grupo conversaria entre si e depois, no final juntaríamos as mesas para a troca de ideias geral. Quando me dei conta, aquela sala abrigava um verdadeiro desfile de velhas sábias, bruxas, pitonisas, antropófagas, libidinosas e santas, todas fontes inesgotáveis de inspiração e transgressão, que se mostram ativas e incansáveis, ao mesmo tempo ameaçadoras e mentoras. Nestas conversas, vislumbramos como a figura das velhas ultrapassa o tempo e os limites das narrativas, revelando-se como espelhos de nossa própria humanidade e portadoras de ensinamentos valiosos para as gerações presentes e futuras.

Pegue uma xícara e venha conversar com a gente!

1.1 Minhas velhas



Foto 2 - Natal de 2018. Abraçando minhas velhas queridas

Quando chegar a minha hora, por favor, me chamem de velha. Me sentirei honrada com o reconhecimento da minha força. Sei que estou envelhecendo, testemunho essa passagem no meu corpo e, para o futuro, espero contar com um espírito cada vez mais velho para ter a coragem de encerrar minha travessia com a graça de um espanto. (BRUM, 2012)¹⁵

Dia 24/07/2020 - Morreu minha avó, Lúcia Sodré com 100 anos.

Dia 20/03/2021 - Morreu minha mãe Anna Maria Lacombe com 80 anos.

Dia 21/09/2023 - Farei 60 anos.

Velha. Velhas, cada qual de uma geração. Eu do presente e do futuro, elas do passado.

Vesti suas roupas e seus sapatos depois que se foram. Morei por alguns meses na casa de minha avó, com as coisas do jeito que ela deixou. Dormi em sua cama, com sua camisola. Usei camisetas e casacos de minha mãe, seus óculos. Olho-me no espelho e vejo seu rosto na cama do hospital.

¹⁵ Texto publicado na revista Época:

<http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/eliane-brum/noticia/2012/02/me-chamem-de-velha.html>

Quando minha avó fez 100 anos, em 02/12/2019, me perguntou "E depois dos 100, o que é que vem?". Veio a pandemia.



Foto 3 - Festa dos 100 anos de minha avó. Lendo um poema de Jacques Prévert em sua homenagem

Minha mãe fez 80 anos (4/07/2020) e ela e minha avó se arriscaram a se verem, a fim de comemorarem juntas. Moravam no mesmo prédio. Ainda não havia vacina.



Foto 4 - Minha avó e mãe encontrando-se pela primeira desde o início da pandemia para comemorar o aniversário de 80 anos

Alguns dias depois, vovó caiu e morreu (24/07/2020). Ainda bem que se encontraram e comemoraram! Não pude me despedir dela porque estava em São Paulo. Quando minha mãe e meu pai fizeram 60 anos de casados

(12/12/2020), no bolinho comemorativo, ele começou a demonstrar os primeiros sintomas da COVID. No dia seguinte minha mãe também.



Foto 5 - Meu pai e minha mãe com a torta pelos 60 anos de casados.

A vacina já circulava pelo mundo desde setembro, mas nosso desgoverno não quis comprar. Assim, dia 19/12/2020, mãe e pai foram internados e no Natal, 25/12/2020, entubados. Meu pai voltou para casa dia 26/01/2021. A vacinação começou em fevereiro, mas minha mãe não voltou para casa, morreu dia 20/03/2021 (Dia do Contador de Histórias). Meu pai cantou espontaneamente uma canção em francês para ela de mãos dadas comigo, enquanto a via ser enterrada pela videochamada.

Fui morar no Rio de Janeiro para cuidar do meu pai. No início, fiquei morando na casa da minha avó, que não tinha sido desfeita. Não pude me despedir dela fisicamente, mas tive seis meses para viver entre seus pertences, vestir suas roupas e viver "sua vida". Foi delicada e suave esta convivência com ela. O tumulto era minha mãe morrendo, meu pai um trapo se refazendo da surra que levou da COVID e eu tentando lidar com tudo isso. Estar com minha avó foi o que me deu colo.

No Brasil, pessoas com 60 anos ou mais representaram 67,9% dos mortos por Covid-19 até 31 de outubro de 2021. Foram 394.860 mortes nessa faixa etária.¹⁶

Passou o vendaval, sobraram escombros e algumas poucas luzes que não me revelam com clareza o caminho a seguir. Estou ainda imersa nessa bolha confusa de memórias, sentimentos, saudades, ternura, cansaço, frustração, ansiedade e sei lá mais o quê... Neste ínterim, me dou conta de que eu estou ficando velha como as velhas, mãe e avó, que me foram referência. O que delas tenho em mim? Em que sou diferente? Que velha sou eu? Que velhas elas foram?

Conseguiram ser elas mesmas somente depois de maduras e o apogeu foi quando estavam ficando velhas. Aproveitaram muito o que conseguiram fazer depois de romper. Minha avó fazia Belas Artes quando era adolescente. Casou-se com meu avô, militar, aos 19 anos; teve que largar a pintura para acompanhá-lo em sua carreira e só conseguiu retomar sua vocação aos 54 anos, depois dos filhos criados e meu avô indo para a reserva. A vida ficou vazia e ela se deprimiu. A família incentivou, deu tintas e pincéis. Ela se inscreveu numa escola de artes e revelou a artista incrível que era.

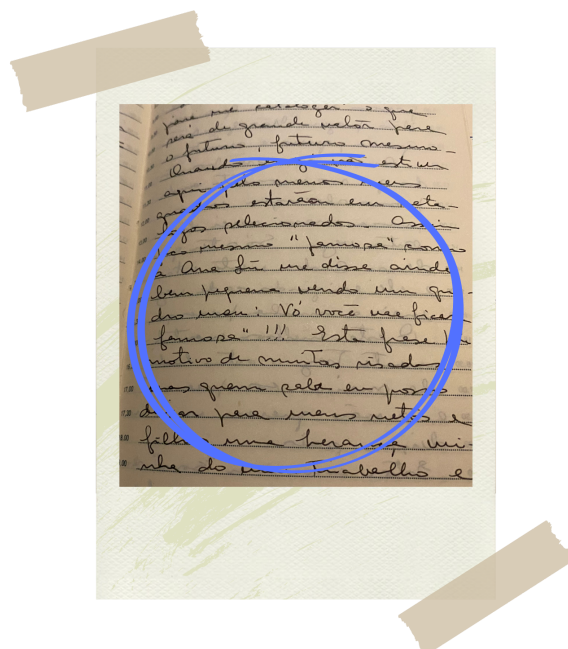


Foto 6 - Página do diário de minha avó - Foto do acervo pessoal

16

<https://www.poder360.com.br/internacional/conheca-a-faixa-etaria-dos-mortos-por-covid-no-brasil-e-em-outros-paises/>

Eu, com onze anos, disse para ela nessa época que ela ia ficar famosa. Fez uma linda jornada como pintora expondo pelo Brasil e fora dele. Ela disse para mim que os anos mais felizes de sua vida foram dos 54 aos 80.



Foto 7 - Quadro e minha avó - foto do acervo pessoal

Minha mãe fazia psicologia na PUC quando, em 1960, aos 20 anos, casou-se com meu pai que foi fazer um mestrado nos EUA. "Foi preciso" trancar a faculdade para ir com ele, além de cumprir o rito das moças casadoiras da época, fazendo cursos de corte e costura e culinária, coisas que sempre detestou. Depois que eu e meu irmão já estávamos crescidos, por volta dos 40 anos dela, retomou a faculdade e fez especialização em psicopedagogia, que nem existia no Brasil, com Jorge Visca na Argentina. Foi uma das primeiras do país e tornou-se uma referência no Rio de Janeiro. Até sua morte trabalhou dando supervisão e fazendo grupos de estudos sobre Piaget, tema sobre o qual era especialista.



Foto 8 - Caixa lógico-simbólica - Material criado, produzido e vendido pela minha mãe para trabalho psicopedagógico

Tive a sorte de tê-las antes de mim. Eu precisei me impor para ser artista, a ideia não foi recebida com salva de palmas, mas não precisei ficar velha para ser quem quero ser. Privilégio. Aliás, privilégios muitos. Família leitora, amiga das artes, muitas referências. A cultura europeia permeava nossas vidas de alguma maneira, fosse na conversa em francês para as crianças não entenderem, fosse nos livros lidos para nós ou sugeridos para nossa leitura. Lobato, claro, estava presente e, às vezes, Viriato Correia. Mas também Grimm, Condessa de Segur, Perrault, cantigas em francês... Nada disso era pedante ou artificial, vinha de muitas gerações.

Assim, quando fui estudar os contos me dediquei com muito interesse aos contos de fadas europeus, que são memória viva da minha infância. Em longos telefonemas com minha mãe (São Paulo/Rio), relembra os contos de fadas que ela ouvira de sua avó e me contou. Foi assim que resgatei *O Grifo* (GRIMM. 1963, volume 8. p.23), um dos meus contos prediletos narrados por ela, que descobri ter sido recolhido e recontado pelos Grimm quando li suas obras completas, já como contadora de histórias. Percebi que minha bisavó havia juntado dois contos: *Os Três Fios De Ouro do Cabelo Do Diabo* (GRIMM, 1963, volume 6, p.91) e *O Grifo*. Fiquei com a versão da Vovó Nita e resolvi preparar este conto. Pedi à minha mãe que escrevesse sobre a avó dela, que não conheci, pois morrera aos 54 anos, mais jovem do que sou hoje, quando minha mãe tinha 14 anos. Ela, então, escreveu em forma de carta para mim um relato poético sobre a Vovó Nita. Esta carta virou uma música de Jean Garfunkel que fecha a apresentação. A narração acabou virando um espetáculo de teatro narrativo e ganhou muitos prêmios¹⁷. A dramaturgia foi escrita em parceria com Paulo Rogério Lopes e incluía essa memória da infância, minha linhagem feminina e o vínculo através da palavra. O espetáculo chama-se "As Três Penas do Rabo do Grifo"¹⁸ e estreou em 2014 no Teatro Sérgio Cardoso em São Paulo.

¹⁷ <http://fazeconta.art.br/index.php?mpg=10.10.00&ver=por>

¹⁸ Espetáculo da Cia Faz e Cont, ganhador do Edital do Programa de Ação Cultural do Governo do Estado de São Paulo 2013 para sua montagem; estreou em 2014 e fez temporadas também nos SESC's e uma turnê por oito cidades do interior de São Paulo



Foto 9 - Foto de João Caldas. João chegando com as penas.
Temporada no Teatro Sérgio Cardoso



Clique para ver um trecho do espetáculo: <https://youtu.be/U-7ZrIBN-wA>

Vou contar resumidamente a história da peça, pois ao final vamos voltar a ela. Quando fiz 50 anos minha avó me deu uma caixa de memórias: objetos que herdara de seus pais. Dentre eles a última escultura de argila que minha bisavó fez e seu aparelhinho de chá de bonecas, que foi brinquedo para minha avó e para minha mãe, e do qual ela tanto falava quando me contava de sua infância.



Foto 10 - Aparelho de chá de bonecas de louça que foi de minha bisavó Nita (Mariana)
foto do acervo pessoal

A peça começa comigo recebendo uma caixa com um bilhete de minha avó, em que ela dizia não querer ganhar presentes pelos seus 95 anos, à época, e sim dá-los para nós. Ela relembra as histórias que a Bisa Nita, sua mãe, contava para a minha mãe e que mamãe contou para mim. Na caixa havia o aparelho de chá de bonecas da Bisa Nita. A partir deste mote, começo a narrar a história, o "conto de Grimm", de um garoto chamado João, filho de um lenhador que, depois das tentativas malfadadas de seus dois irmãos, consegue curar a princesa, cuja mão estava prometida a quem alcançasse esta proeza. Mas, apesar da promessa, o rei não quer que ela se case com um João Ninguém e impõe ao garoto três tarefas. As duas primeiras ele cumpre com a ajuda de um anãozinho mágico, que também lhe dera a maçã para a cura da princesa. A última tarefa é conseguir três penas do rabo do Grifo, monstro metade leão, metade águia, que come carne humana. João faz a jornada, desta vez, sem ajuda de ninguém. Ele passa por três lugares em seu caminho. Em cada parada consegue auxílio para seguir em frente e recebe uma questão para ser esclarecida pelo Grifo. Depois de longa jornada, chega ao castelo da criatura e quem o recebe é uma velha, madrinha do Grifo, que ouve a história de João e o esconde. No espetáculo a chamávamos de Dinda. Ela consegue extrair do Grifo todas as respostas e também as três penas.

Esta cena é muito divertida. A velha Dinda ficou tão querida do público que acabei pedindo ao Jean Garfunkel, autor das canções da peça, para fazer uma música para ela que foi incluída no espetáculo no meio da temporada.



Dinda

Foto de João Caldas temporada no Teatro Sérgio Cardoso

João volta dando todas as respostas e ganhando dinheiro e prestígio pelo caminho. Quando chega, sua noiva está se casando com um príncipe. João, o filho do lenhador, interrompe a cerimônia, mostra que cumpriu a última tarefa e se casa com a princesa. O rei mandão acaba preso aos remos de um barco por conta de sua ambição desmedida em tentar conseguir o ouro que João ganhara no caminho.

Quando a história acaba, arremato o espetáculo dizendo que a Vovó Nita já morreu (agora avó e mãe também...), que sua casa virou um prédio de apartamentos, mas que ela segue através de suas histórias, bordados e suas cantigas de ninar.

O link para o vídeo do espetáculo na íntegra está aqui:



<https://vimeo.com/manage/videos/220044274/4b28df097b>

Foi um processo muito intenso conceber este espetáculo e colhemos os frutos desta entrega. Minha entrada como narradora de contos de fadas começou em grande estilo. E eu, que já tinha lido muita coisa sobre este gênero, comecei a me aprofundar mais a partir deste processo.

Tempos depois, resolvi investigar as bruxas desses contos. Durante a pandemia criei uma série de cursos chamada "Mergulho na História", em que refletia a partir de contos tradicionais, principalmente europeus. As reflexões são ancoradas em minha experiência como artista da palavra, na medida em que coloco na boca e no corpo estes contos, em diálogo com estudiosos do tema. Foi um processo de aprofundamento e sistematização de um estudo que vinha fazendo há anos. Dentre estes Mergulhos, preparei um sobre as Bruxas e descobri muitas facetas desta personagem. Passei pelas Deusas, sibilas, parteiras, velhas sábias, curandeiras, antropófagas, doadoras, meio bicho, meio gente. Luz e sombra. Fada e bruxa, boa e má.

1.2 Velhas: Bruxas ou Sábias?

Unidade ou dualidade? Para entender melhor este tema tão presente nas figuras das velhas investiguei esses conceitos. Do ponto de vista filosófico, o monismo afirma que tudo o que existe é fundamentalmente uma única substância, realidade ou princípio. Já o dualismo postula a existência de duas substâncias, princípios ou realidades fundamentais e distintas.

Segundo Russel e Alexander até aproximadamente o século 6 a.C. "A maior parte das religiões do mundo era monista, postulando um princípio divino que é bom e mau. Os deuses eram manifestações desse princípio Uno, de modo que também eles eram moralmente ambivalentes" (RUSSEL; ALEXANDER,

2019, P.44). Esse princípio podemos reconhecer nos deuses Olímpianos, nos Orixás, deuses hindus, por exemplo.

A primeira grande ruptura no monismo ocorreu por volta de 600 a.C., com os ensinamentos de Zaratustra no Irã. Sua revelação de que o mal não é, de maneira alguma, uma manifestação do divino, e de que, pelo contrário, procede de uma fonte totalmente diferente, está na raiz do dualismo religioso que postula a existência de dois princípios: um de bondade e luz, outro de maldade e trevas (RUSSEL; ALEXANDER, 2019, p.45).

Dualismo este que é a base do pensamento da Igreja Cristã e que, junto com o patriarcado e sua misoginia, alinhado com interesses econômicos (mercantilismo/capitalismo), desembocou na Caça às Bruxas. "Entre 1450 e 1750, aproximadamente 110.000 pessoas foram torturadas sob acusação de bruxaria sendo que 40.000 a 60.000 delas foram executadas" ((RUSSEL; ALEXANDER, 2019 p. 15).

A caça às bruxas foi uma guerra contra as mulheres; foi uma tentativa coordenada de degradá-las, de demonizá-las e de destruir seu poder social. Ao mesmo tempo, foi precisamente nas câmaras de tortura e nas fogueiras onde se forjaram os ideais burgueses de feminilidade e domesticidade (FEDERICI, 2017, p.334).

"Bela, recatada e do lar"¹⁹, conceito ainda praticado, infelizmente, nos dias atuais, que foi meticulosamente construído por aqueles que detinham o poder. A Presidente Dilma Rousseff não correspondia a esse modelo e foi, de forma vil e orquestrada, tirada do poder. Não só por isso, claro. Mas é, no mínimo, curioso que, logo depois, a revista coloque este título na matéria sobre a mulher do futuro presidente.

Se considerarmos o contexto histórico no qual este fenômeno atroz se produziu, o gênero e a classe das acusadas, bem como os efeitos da perseguição, podemos concluir que a caça às bruxas na Europa foi um ataque à resistência que as mulheres apresentaram contra difusão das relações capitalistas e contra o poder que obtiveram em virtude de sua sexualidade, de seu controle sobre a reprodução e de sua capacidade de curar" (FEDERICI, 2017, p. 305).

¹⁹ Definição que a revista Veja deu à esposa de Michel Temer, Marcela Temer, pouco antes dele assumir a presidência do Brasil no questionável impeachment da Presidente Dilma Rousseff em 2016. <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar>

Havia interesse econômico em que o povo procriasse para gerar mão de obra, que andava escassa depois da Peste Negra (século XIV)²⁰. Contudo, o coito era controlado. Estado e Igreja impuseram suas regras e estabeleceram o controle sobre os corpos. Criou-se uma repulsa ao sexo por prazer e não procriativo. Nesse momento começa a se evidenciar

O mito da velha bruxa voando na sua vassoura, que, assim como os animais em que ela também montava (cabras, éguas, cachorros), era projeção de um pênis estendido, símbolo da luxúria desenfreada. Este imaginário retrata uma nova disciplina sexual que negava à "velha feia", que já não era fértil, o direito a uma vida sexual (FEDERICI, 2017, p. 346).

Veremos mais adiante os reflexos disso no conto popular e, com certeza, as mulheres maduras e velhas de hoje sentem a ressonância dessa construção patriarcal sobre seus corpos e desejos na atualidade.

Os julgamentos por bruxaria fornecem uma lista informativa das formas de sexualidade que estavam proibidas, uma vez que eram não produtivas: a homossexualidade, o sexo entre jovens e velhos, o sexo entre pessoas de classes diferentes, o coito anal, o coito por trás acreditava-se que levava a relações exteriores, a nudez e as danças. (FEDERICI, 2017, p.350-351)

Esse apanhado da realidade da velha neste período, nos fornece o cenário onde as estereotípias sobre as bruxas foram construídas. Havia um manual para identificá-las e puni-las, o *Malleus Maleficarum* (Martelo das Bruxas), escrito em 1486, aprovado pela Igreja, que virou um *best seller* da época²¹. Este compêndio misógino e cruel foi usado como guia em várias partes da Europa no período da Caça às Bruxas.

É preciso ter esta referência histórica para chegarmos aonde me interessa, que é: perscrutar sobre o papel simbólico das velhas (bruxas ou não) nos contos tradicionais e refletir sobre ele nos tempos atuais. O olhar

²⁰ A peste negra foi uma pandemia que se deflagrou na Europa, no século XIV, provocando uma das maiores baixas populacionais da história desse continente.

²¹ Manual inquisitorial, publicado em 1486 ou 1487 pelos dominicanos Heinrich Kraemer (também conhecido por *Heinrich Institoris*) e James Sprenger, na Alemanha, em cumprimento à bula papal *Summis Desiderantis Affectibus* de Inocêncio VIII e, segundo uma fonte, a pedido deste — sobre um manual de combate aos praticantes de heresias — e que tornou-se o guia dos inquisidores pelo restante do século XV e seguintes; embora no período existam outros manuais, este é dos mais "cruéis", ensinando sobre o ódio, tortura e morte.
https://pt.wikipedia.org/wiki/Malleus_Maleficarum Acessado em 12 de agosto de 2023.

preconceituoso sobre elas talvez possa ser resgatado através do conhecimento um pouco mais profundo a respeito da ancestralidade dessas figuras, ressignificando-as hoje a partir de sua origem.

Deusas e figuras míticas provavelmente foram as ancestrais das bruxas tal como as conhecemos nos contos de fadas. Não foi possível convidar todas para o chá, mas selecionei algumas como referência. Como o foco deste trabalho são as velhas brasileiras, convidei várias delas por meio de um conjunto de histórias que irão dialogar com os contos europeus, e suas velhas, claro, apresentando esses diferentes papéis que ocupam nos enredos. Bruxa, mas não só: é Nossa Senhora; e também uma mulher debochada que mostra suas intimidades para o Diabo. É a mãe do Sol, da Lua e do Vento e a velha cega que come criancinhas.

Velha: Entidade maléfica ou grotesca, intervindo nas histórias para a função maléfica de perturbar a felicidade ou dificultar a conquista legítima de alguma coisa. Como permanência da velha das tradições de Europa, misteriosa e cheia de poder, simbolizando segredos, a morte, a treva, o inverno, reaparecem em algumas superstições. O pesadelo é uma velha, que oprime o tórax do adormecido. (...) *A Velha do chapéu grande é a fome. A velha é a morte. Mas há o lado simpático. Certas orações, remédios, cuidados, valem muito mais, se feitos pelas mãos de gente velha. Outrora somente uma velha podia lavar e engomar os panos do altar mor, onde está o Santíssimo Sacramento, e os necessários para a celebração da missa. A primeira canja para a primípara devia ser preparada por mão de velha que tivesse netos, assim como o primeiro banho infantil. Certas úlceras melhoravam se tratadas por mulher velha, jamais por moças ou jovens casadas, mesmo a esposa do doente. Benção ou maldição de velha são de efeito seguro. Encontrar uma velha pela manhã dá sorte, especialmente se for a primeira pessoa de parada e ainda mais sendo negra* (CASCUDO, 2000, p. 722).

2. QUE ENTREM AS CONVIDADAS

Depois de fazer uma seleção de contos brasileiros para serem comentados neste trabalho, organizei as convidadas em mesas, por perfil de velha que desempenham no enredo do qual participam, considerando como se apresentam e sua função na narrativa. Há uma sinopse de todas as histórias brasileiras, citadas no ANEXO neste trabalho.

2.1 Velha Mítica - Deusa - Força Da Natureza

"Está sem fazer nada? Vai pegar linha e agulha!" Minha bisavó falava assim para as filhas. Minha avó pegou linhas, agulhas e pincéis, minha mãe pegou lápis e soltou a voz, eu peguei linhas, agulhas, lápis e soltei a voz.

E assim começamos com a origem, sentando à mesa das Deusas, veneradas no período pré-histórico e depois subjugadas por deuses, cultuados pelos povos indo-europeus, que invadiram imensos territórios trazendo com eles uma cultura de guerra, especialmente avançada na confecção de armas, pois tinham descoberto o ferro. Seus deuses, ou se casavam com as Deusas e se tornavam mais importantes que elas, ou simplesmente as tiravam de cena quando conquistavam os territórios de cultura matrilinear²². Uma das formas de fazer isso era demonizá-las e desprezá-las. O surgimento da Igreja Cristã e seu poder religioso, político, econômico e patriarcal, pôs fim ao protagonismo feminino e, durante muito tempo, as mulheres foram tratadas como figuração. Posteriormente conseguiram alçar o lugar de coadjuvantes: "atrás de um grande homem há sempre uma grande mulher", com exceção, é claro, daquelas que conseguiram ficar à frente deles ou ao lado à custa de muita luta. No meu ponto de vista, um dos caminhos inevitáveis para recuperar o protagonismo das mulheres no enredo da vida é relembrar da existência das civilizações matriarcais.

Convido a sentarem-se à primeira mesa, algumas velhas que podem ter sua origem nas Deusas das culturas matriarcais do período pré-histórico: feiticeiras, bruxas, velhas doadoras e punitivas. Luz e sombra habitam essas

²² Esta história está contada no livro Quando Deus era Mulher de Merlin Stone (2022, p. 87-123)

figuras. Coloquei a Sra. Holle, sentada ao lado de Holda e acho que deu certo, a velha do conto de fadas logo reconheceu a Deusa como uma ancestral distante.

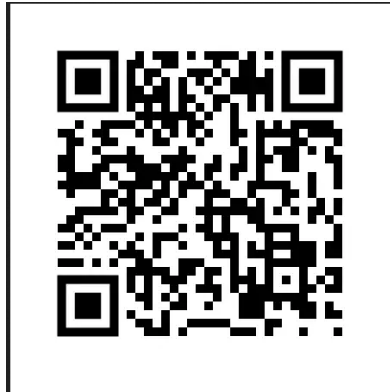
2.1.1 Holda e a Sra. Holle

O conto "A Senhora Holle" dos Irmãos Grimm, publicado na edição inaugural de 1812 (2018, p.100), de seu *Kinder- und Hausmärchen (Contos de fadas para o lar e as crianças)*, e depois em nova versão na edição de 1857 (1963, p.91, volume 4), faz uma ponte entre o mito e o conto de fadas. Esta personagem tem raízes na Deusa Holda, uma Deusa tectônica, que, como a Senhora Holle, é responsável pelos fenômenos da natureza relacionados às estações do ano.

O conto narra sobre uma garota que é explorada e vilipendiada pela mãe, que preferia a outra filha, feia e má, à boa e diligente garota. Este motivo nos contos é bem familiar, Cinderela é um exemplo. Um dia, depois de tanto fiar, seus dedos sangram e, quando vai lavar o fuso, ele cai de suas mãos afundando na água. Ela mergulha para buscá-lo, indo parar num lugar aprazível e, passeando por lá, chega à casa de Holle, uma velha de dentes enormes, assustadora, que a recebe. A Senhora Holle lhe dá tarefas e a menina as cumpre com seu capricho natural. Uma delas é sacudir a colcha da cama para que caia neve na terra.

Até que um dia, a garota decide voltar para casa e ganha como prêmio pelo seu trabalho um banho de ouro. A irmã, quando a vê assim dourada, quer ganhar ouro também, mergulha na fonte e vai parar na casa da velha, mas faz as tarefas com desmazelo e quando quer voltar para casa ganha um banho de piche. A Senhora Holle não perdoa. Boa quando lhe fazem bem, má quando lhe fazem mal.

Ouçá o conto completo aqui:



<https://soundcloud.com/analuisa-584100479/sra-holle>

A Deusa Holda também era assim. Não admitia quem tinha preguiça de fiar e tecer. A Deusa da Fiação, que trouxe o linho para a humanidade, tinha várias aparências: por vezes jovem e bela, por vezes uma velha que liderava uma procissão de espectros e que recolhia as crianças mortas que não tinham sido batizadas. (Aqui a figura pagã sendo demonizada pela Igreja). Holda é chamada de *The White Lady*, mas também de *The Black Grandmother*, segundo Mirella Faur, ela é uma deusa da morte.

Conhecida por vários nomes, Holda era uma Deusa de múltiplos aspectos. No verão, ela aparecia como uma mulher radiante que se banhava em um lago; durante as tempestades, conduzia sua carruagem no céu repleto de nuvens escuras e, nos meses de inverno, provocava as nevascas. Em seu aspecto benevolente (seu nome significa “a gentil”), ela tem características solares, faz aparecer o Sol quando penteia seus cabelos longos e louros e sua carruagem é dourada e puxada por joaninhas. Em seu aspecto sombrio é a deusa do inverno (Diz-se que ela traz os primeiros flocos de neve do ano), ela é a Dama Branca durante este tempo, a deusa de cabelos prateados que tricota o manto branco da neve. Ela também é associada a outro fenômeno climático - quando chovia, Holda estava lavando a roupa; o relâmpago era ela queimando o linho; a névoa era a fumaça de sua chaminé. Sua associação com o inverno está ligada ao seu ofício das artes de fiar; o inverno era a época em que as pessoas ficavam dentro de casa e transformavam a lã e o linho do verão em roupas.²³

Este motivo da velha doadora ou punitiva, conforme o comportamento da mocinha é bem comum. *As Fadas* de Perrault (2012, p.55) têm uma situação semelhante e a ação também acontece à beira de uma fonte, que, aliás, era onde fiavam as Moiras (BRANDÃO, 2005, p.230) ou Parcas, velhas que tecem o

²³ <https://templodanovaera.com.br/holda>

fio das nossas vidas. Em Maria Borracheira este motivo também aparece e a casa das velhas também fica perto da água, à beira de um rio. Veremos adiante este conto comentado.

Nos contos brasileiros encontrei velhas que também aparecem em contos recolhidos e recontados pelos Irmãos Grimm como *O Príncipe Cisne* (2018, p. 230) ou *Os Três Corvos* (2018, p. 103). São as mães do Sol, da Lua e do Vento, três forças da natureza, cruéis e indomáveis, que sentem cheiro de carne real, mas que as velhas mães apaziguam e as fazem dar as respostas e os objetos mágicos para ajudar no processo de transformar o animal em gente. Aqui elas representam algo bom, mesclado com algo devorador e mortal.

2.1.2 Mães do Sol, da Lua e do Vento nos contos brasileiros

- *O Calanguinho Infante* (Recolhido e recontado por Marco Haurélio em *Contos e Lendas da Terra do Sol*, 2019, p. 49).

- *Calango do Bico Doce* (Recolhido e recontado por Marco Haurélio em *Contos Encantados do Brasil*, 2022, p. 93). Ouça aqui:



<https://soundcloud.com/analuisa-584100479/calango-do-bico-doce>

- *Angélica mais afortunada - O Príncipe Teiú* (Recolhido e recontado por Marco Haurélio em *Contos e Fábulas do Brasil*, 2016, p.64)

Vejam estas histórias brasileiras em que aparece o calango ou o teiú; em todas há um movimento em busca da solução, da cura, para transformar o animal em gente, como nos contos de Grimm. É interessante que nas versões *O Calango do Bico Doce* e *Angélica mais Afortunada - O Príncipe Teiú*, ambas recolhidas e recontadas por Marco Haurélio, o início é semelhante à Bela e a

Fera²⁴, que, por sua vez, é uma citação de Eros e Psique²⁵. Olha o mito e o conto de fadas dialogando de novo. Este motivo vem de longe. No conto de *A Bela e a Fera* não há peregrinação, assim como no conto *Angélica Mais Afortunada*, mas encontramos este motivo no conto de Apuleio, com as tarefas dadas por Afrodite à Psique, para que ela reencontre Eros. No caso dos contos brasileiros as heroínas casadas com calangos passam pela casa da Lua, do Sol e do Vento e são sempre recebidas pela velha mãe do ente visitado. Uma velha mítica neste caso, pois sendo mãe de um elemento da natureza, também o é. Aqui vemos a moça pactuar com a velha, que apazigua as forças cósmicas para que possam ajudá-la. Nestes contos as velhas fazem a ponte entre a moça e o "reino dos confins",²⁶ onde está o príncipe. A velha transforma a sombra em luz e dá à heroína a oportunidade de alcançar a integração final entre anima e animus, masculino e feminino, e cumprir sua jornada, segundo o conceito junguiano²⁷.

Essa jornada em busca da cura aparece em contos de várias culturas. É a Jornada do Herói, estrutura narrativa arquetípica, identificada por Joseph Campbell²⁸ e que norteia grande parte da cinematografia de Hollywood.²⁹ Veremos esta estrutura em outros contos deste trabalho. Nesse modelo, os astros podem ser substituídos pelo Grifo, como contei anteriormente, ou pela Baba Yagá que conheceremos mais adiante. O herói passa pela casa de três Baba Yagás e cada uma lhe manda para a próxima com um objeto mágico ou um animal auxiliar. As velhas destes contos brasileiros contêm luz e sombra, pois são mães de seres que podem devorar o herói ou heroína, mas, graças a ela, eles se tornam auxiliares, doadores. Quase como um processo alquímico: a Lua esfria, o Sol esquenta e o Vento faz voar. A peregrinação, em geral, é árdua, mas a última etapa é voar nas asas do vento. Graças às velhas.

²⁴Originalmente escrito por Gabrielle-Suzanne Barbot, Dama de Villeneuve, em 1740, tornou-se mais conhecido em sua versão de 1756, por Jeanne-Marie LePrince de Beaumont, que resumiu e modificou a obra de Villeneuve.

²⁵ Conto que faz parte da obra *O Asno de Ouro*, de Apuleio século II d.C.

²⁶ PROPP, Vladimir (2002, p.343)

²⁷ A **anima** e o **animus** são descritos na escola de psicologia analítica de Carl Jung como parte de sua teoria do inconsciente coletivo. Jung descreveu o animus como o lado masculino inconsciente de uma mulher, e a anima como o lado feminino inconsciente de um homem, cada um transcendendo a psique pessoal. (Wikipedia)

²⁸ CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces** - 1a. parte (p.57 a 248)

²⁹ VOGLER, Christopher. **A Jornada do Escritor**. Nova Fronteira

Interessante é que quase sempre é a moça indo em busca do rapaz. É uma jornada absolutamente feminina. A figura que muda de aparência no final dos contos é o rapaz, mas quem passa por um profundo processo de transformação interno é a moça. Isto me faz pensar na integração de masculino e feminino que falei antes. No final, se encontram, humanos, inteiros e integrados. Este encontro consigo mesmo, tão presente nos contos, foi lindamente poetizado por Fernando Pessoa

[...]

E, inda tonto do que houvera,
À cabeça, em maresia,
Ergue a mão, e encontra hera,
E vê que ele mesmo era
A Princesa que dormia.³⁰

Ouçã completo:



<https://soundcloud.com/analuisa-584100479/eros-e-psique>

³⁰ Última estrofe do poema Eros e Psique de Fernando Pessoa, ele mesmo, publicado pela primeira vez em seu livro **Presença**, nº 41-42. Coimbra: Mai. 1934.

2.2 Velha Doadora



Foto 12 - Foto da tampa da caixa de costura - acervo pessoal

Quando estávamos desmontando a casa de minha avó, vi uma caixa de costura antiga de madeira, com uma plaquinha de prata na tampa. A prata estava escura e não dava para ler. Levei a caixa para casa e me pus a limpá-la. Surgiu um nome: Torquatinha. Quem seria? Descobri pela minha tia que era minha trisavó, nascida no dia de São Torquato, cujo nome era Maria Adelaide. Um objeto mágico que agora está comigo, a quinta geração.

Neste bloco temos velhas doadoras, seja de conselhos ou de objetos mágicos, que em alguns contos aparecem identificadas com Nossa Senhora.

Na Jornada do Herói de Campbell, este momento é a terceira etapa do caminho e chama-se o "auxílio sobrenatural". Trata-se do primeiro encontro que o herói ou heroína tem em sua jornada "com uma figura protetora (com frequência, uma anciã ou um ancião), que fornece ao aventureiro amuletos protetores contra as forças titânicas com que está prestes a deparar-se". (CAMPBELL, 2010, p.74)

Propp afirma que "juntamente com o doador, mudam o objeto e as condições de doação" (2002, p. 169). Assim, tanto as conselheiras como as fadas cumprem esta função, cada uma a seu modo.

2.2.1 Velha Conselheira:

- Corpinho de Pau (Contos e Lendas da Terra do Sol - Marco Haurélio, 2019, p. 79)
- Cara e Pau (Contos Folclóricos Brasileiros - Marco Haurélio, 2018, p.59)
- Sargento de Pau (Lendas e Fábulas do Brasil - Ruth Guimarães, 2019, p. 78). Ouça aqui:



<https://soundcloud.com/analuisa-584100479/o-sargento-de-pau>

Este conjunto de histórias provavelmente descende de *Pele de Asno*, recontado por Perrault em 1697 (2012, p.127), e de outros contos europeus que têm o motivo do pai que quer casar-se com a filha e ela foge disfarçada. A velha aqui é a conselheira que tenta tirar a mocinha desta enrascada perversa.

A velha é a avó, a velha do caminho ou Nossa Senhora, como em *Sargento de Pau*. Este conto e *Corpinho de Pau* são, aliás, muito peculiares, a moça se veste com um guarda-roupa, em que leva tudo o que precisa. Esta imagem da moça dentro de uma caixa de madeira remete a uma morte, a um caixão, para depois renascer transformada. Mais uma vez é a velha que propicia esta passagem.

2.2.2 Velha Fada

- Maria Borracheira (Contos Populares do Brasil - Sílvia Romero, 2000, p.105). Ouça aqui:



<https://soundcloud.com/analuisa-584100479/maria-borracheira>

- Almofadinha de Ouro (Contos Tradicionais do Brasil – Câmara Cascudo, 2000, p.64)
- Bicho de Palha (Contos Tradicionais do Brasil - Câmara Cascudo, 2000, p.46)

A velha pode ser uma desconhecida que surge no caminho e que, como uma sibila, dá um conselho, revela uma "premonição" ou oferece dons. Às vezes surge como Nossa Senhora, mas nem sempre; pode ser uma velha sábia que já viveu muito e tem experiência para aconselhar. Em *Maria Borracheira* recolhida e recontada por Sílvia Romero são três "tatas", fadas velhas. Nas versões de Marco Haurélio e Câmara Cascudo deste conto, a velha é Nossa Senhora.

No caso de *Maria Borracheira*, recolhida por Marco Haurélio, a velha é quem dá o dom à vaca, ela representa o espírito da mãe velando pela filha. Se compararmos as três versões deste conto, podemos compreender bem esta função da vaquinha, bem como da árvore e do pássaro, em *Gata Borracheira* no reconto dos Irmãos Grimm (2018, p.87) ou do peixe, na versão chinesa³¹, considerada a mais antiga variação de Cinderela.

Vaca e sua simbologia segundo Chevalier e Gheerhardt: nutridora, psicopompo em rituais funerários, fertilidade, mãe terra, generosidade, altruísmo e trabalho sem reclamar (2018, p.926, 927). As fadas, vaquinhas, peixes,

³¹ <https://herschelian.wordpress.com/2013/01/20/a-magical-fish-and-golden-slippers-chinas-cinderella/>

árvores, ossos que aparecem nas diferentes versões desta história mundo afora são personagens pertencentes a outro mundo, destinados a preservar o lado bom da mãe, a mãe da primeira infância. Enquanto a madrasta é uma personagem real, as fadas e seus representantes são figuras interiorizadas, aparecem apenas na intimidade da jovem e são um segredo seu.

2.3 Velhas bruxas e feiticeiras

2.3.1 A Cuca

Minha mãe e minha avó não eram mulheres doces, meigas e aconchegantes. Eram duras, cada uma a seu modo e construímos um jeito de nos relacionarmos. Com minha mãe, na infância, pelas histórias que ela contava; na idade adulta em longas conversas sobre educação, crianças e mundo simbólico. Com minha avó, na infância, pelas linhas e agulhas, tanto através das roupas que ela fazia para mim, como das artes manuais que me ensinava. Na idade adulta, nos conectamos pela arte e seu imenso senso estético.

Numa primeira pesquisa buscando por bruxas brasileiras, antes de me deparar com o verbete das velhas de Cascudo, descobri que com esta nomenclatura quase não existem. As figuras femininas que compilei estão mais para espectros e fantasmas do que bruxas. A que mais se aproxima é a Cuca.

Segundo Januária Cristina Alves, *No Abecedário do Folclore Brasileiro*:

A cuca é a bruxa mais brasileira que existe. Presente nas cantigas de ninar e no imaginário de qualquer menino ou menina que não quer dormir, ela é descrita como um ente velho, feio, todo desganhado, que aparece de noite para levar consigo as crianças inquietas pela insônia. Outros a descrevem como uma velha com a cabeça de jacaré com uma voz estridente, que só aparece de noite, que anda em cima dos telhados das casas e entra pelos buracos das fechaduras ou pelos vãos das portas, levando as crianças num saco. (...) Como ela é uma bruxa, se apresenta fisicamente de acordo com as versões das histórias clássicas de bruxas: às vezes como uma coruja, ou uma borboleta negra, ou mesmo uma aranha. No folclore brasileiro, as bruxas são sempre as sétimas filhas de um casal que só teve filhas mulheres. E essa moça só escapará de seu destino se a sua irmã mais velha for sua madrinha. Por isso, crianças de até sete anos que ainda não foram batizadas são alvos prediletos das bruxas, que adoram sugar o sangue delas, especialmente se for na Sexta-Feira da Paixão. Para se livrar das feiticeiras, recomenda-se colocar uma tesoura aberta debaixo da cama, espalhar facas pela casa e também salpicar sal em todos os cantos ou ainda esconder uma vassoura atrás da porta. Isso, é claro, vale para espantar a cuca também!

Acredita-se que a nossa Cuca tenha sido influenciada pela Coca de Portugal, onde é parente do bicho papão, do homem do saco e de outras entidades que assombram e carregam as crianças. (...) E em tupi guarani a palavra cuca significa trago, ato de engolir, de onde vem a ideia de voracidade, característica dessa bruxa brasileira (ALVES, 2017, p.120).

Assim, coloquei-a na mesma mesa de Baba Yagá, pois acho que elas têm muito em comum e poderiam trocar muitas ideias. A Cuca nos remete à origem arcaica da bruxa eslava, quando era um animal, talvez um urso, para depois se transformar nessa figura tão rica como veremos adiante. A Cuca talvez tenha outras facetas, mas, em comum com a velha russa, carrega o animal, o instinto, o anímico, a voracidade. As duas têm a borboleta como uma de suas representações. A Cuca revela seu lado sombrio, roubando crianças, como Holda, sugando o seu sangue, e sendo voraz, mas aparece nas cantigas de ninar e, neste momento, sua presença na voz de quem embala é aconchego e segurança.

Antes de seguir na conversa com Baba Yagá, convidada fundamental deste chá, chamei Silvia Federici para dar uma passadinha aqui nesta mesa, antes da velha bruxa contar mais de si. Vamos voltar ao contexto em que a figura maléfica e sombria das bruxas foi forjada. Nos séculos XII e XIII a Igreja reputava aos movimentos heréticos o foco de todo o mal. Segundo Federici, "esses movimentos foram uma tentativa consciente de criar uma sociedade nova". As principais seitas hereges possuíam um programa social que reinterpretava a tradição religiosa, eles tinham organização na disseminação dessas ideias e possuíam um esquema de autodefesa. Por isso, apesar da perseguição que sofreram, conseguiram resistir muito tempo tendo um papel fundamental na luta antifeudal (FEDERICI, 2017, p.68).

A heresia era o equivalente à "teologia da libertação" para o proletariado medieval. Selou um marco às demandas populares de renovação espiritual e justiça social, desafiando, em seu apelo a uma verdade superior, tanto a igreja quanto a autoridade secular. A heresia denunciou as hierarquias sociais, a propriedade privada e acumulação de riquezas, e difundiu entre o povo uma concepção nova e revolucionária da sociedade que, pela primeira vez na Idade Média, redefinía todos os aspectos da vida cotidiana (o trabalho, a propriedade, a reprodução sexual e a situação das mulheres), colocando a questão da emancipação em termos verdadeiramente universais. (FEDERICI, 2017, p.70)

A acusação de heresia servia para a Igreja atacar qualquer forma de insubordinação social e política. Por exemplo, "algumas tecelãs foram

ameaçadas de excomunhão por não entregarem a tempo o produto de seu trabalho aos mercadores ou por não terem feito adequadamente seu trabalho” (FEDERICI, 2017, p. 73).

Quando um feiticeiro(a) é identificado(a) como agente de um poder hostil à determinada sociedade, expulsá-lo(a) da comunidade ou persegui-lo de qualquer maneira dá aos ortodoxos um senso de camaradagem e de autojustificação. Uma vez que essa pessoa é identificada como o bode expiatório, a sociedade pode projetar sobre ela todo tipo de maldade que reprimiu em si mesma. Assim como as pessoas são passíveis de cometer (e de fato cometem) o erro de projeção negativa - atribuindo aos outros os sentimentos de hostilidade que têm dentro de si mesmas -, também as sociedades podem demonizar seus oponentes. A maior parte dos rancores e genocídios étnicos, políticos ou religiosos deriva da demonização de oponentes (RUSSEL; ALEXANDER, 2019, p. 22).

É possível identificar uma escalada, um percurso da Igreja, em acordo com as classes dominantes, no sentido de enquadrar o povo através de ações violentas e ameaças. Inquisição, Caça às Bruxas.

2.3.2 Baba Yagá e a Velha de João e Maria

Minha mãe, explosiva e falante, devorava todas as palavras que lia e ouvia e devolvia outras, digeridas por ela. Palavras que iluminaram muitas educadoras e psicopedagogas e a mim também; mas que muitas vezes, no seu afã, devoravam a gente.

O conceito de Yin e Yang é uma ideia fundamental na filosofia chinesa, especialmente no taoísmo e no pensamento chinês tradicional.

O Yin e o Yang designam o aspecto obscuro e o aspecto luminoso de todas as coisas; o aspecto terrestre e o aspecto celeste; o aspecto negativo e o aspecto positivo; o aspecto feminino e o masculino; em suma a expressão do dualismo e do complementarismo universal. Yin e Yang só existem em relação um ao outro. São inseparáveis e o ritmo do mundo é o próprio ritmo de sua alternância (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2018, p.968).

Baba Yagá pode ser considerada uma representante destas duas forças numa mesma figura. A bruxa dá uma pequena tossida, todas se arrepiam, mas ela balança a cabeça e pede para ser chamada simplesmente de velha. Nos conta que, às vezes, seu papel, sua função nos contos, pode ser

desempenhada por animais ou por um velho. Ela pode ser a tia, irmã da madrasta. Mora numa casa com pés de galinha no meio da floresta. Voa num almofariz que tem sua simbologia relacionada à sexualidade. Baba Yagá, senhora das tempestades, voa num almofariz, segura o pilão e com a vassoura varre seu rastro.

Clarissa Estés está passando pela mesa neste instante com um pratinho de biscoitos amanteigados e diz "Baba Yagá é assustadora por ser ela própria o poder da aniquilação e o poder da força da vida ao mesmo tempo" (ESTÉS, 1994, p. 121). Os olhares se voltam para Baba Yagá que nos devolve o olhar com um sorriso matreiro. Segue nos dizendo que não é a bruxa de uma única história e, sim, uma figura do imaginário eslavo, que está presente em vários contos. PROPP puxa uma cadeira, senta-se ao lado da amiga nos revelando que, em linhas gerais, os contos apresentam três formas de ir ao encontro de Baba Yagá: temos a Baba Yagá doadora, a cuja casa chega o herói ou a heroína que recebe dela um cavalo, ricos presentes, o fogo, ou um objeto mágico. Há a Baba Yagá raptora de crianças, que tenta assá-las no forno para comê-las, o que provoca a fuga e a salvação. E, por fim, "a Baba Yagá guerreira que entra voando na isbá dos heróis e corta uma correia das costas de cada um" (PROPP, 2002, p. 50). Cada um desses tipos de encontro tem suas características específicas, mas há também traços comuns a todos eles. Ela é ao mesmo tempo um ser maligno à espreita para atacar e um ser benevolente, maternal, protetor da natureza e das matas. O encontro é imprevisível.

Propp se anima com a conversa e complementa, dizendo que Baba Yagá está ligada ao reino dos mortos e tanto o encontro com ela como com a bruxa de João e Maria podem representar a iniciação, quando a alma do neófito é arrebatada e entregue a um animal totêmico, na casa da floresta, onde ele irá viver o seu rito iniciático de morte e ressurreição.

Sibelan Forrester deu uma passadinha para nos visitar bem neste momento da conversa e, ali ao lado da mesa, de pé mesmo, entra no papo. Nos conta que a primeira menção de Baba Yagá foi em 1755, comparando-a com divindades e seres mitológicos da antiguidade clássica. Em sânscrito Baba quer dizer "sábua" e Yagá está relacionado à sabedoria do fogo, sacrifício ritual e ao conhecimento do mundo natural. Poderíamos então traduzir o nome como "A Sábua do Fogo". Em língua russa Baba Yagá é referida nos relatos mais antigos

como *ved'ma*, palavra usada para se referir a bruxa, mas que também poderia ser usada para referir a vidente ou adivinha (olha a sibila aqui!) "o que sugere que antes de encarnar o estereótipo da bruxa velha, feia e má, Baba Yagá pode ter sido uma figura associada com a adivinhação, algo comum em narrativas folclóricas europeias." (FORRESTER, 2013, p. 21- 22)

Ela nos conta que analisou a etimologia do nome da bruxa, e que atualmente "a palavra baba é usada num sentido pejorativo para se referir a mulheres pobres, mulheres feias e até no sentido de vadia".³² Porém, no passado, baba poderia significar parteira, velha e talvez uma alusão à borboleta. Existe a crença que borboletas personifiquem a alma, e veremos como Baba Yaga está associada ao "reino dos mortos". Clarissa, que continuava por ali mastigando seus biscoitos, trouxe a Mulher Selvagem, tema de seu livro:

Nesse drama de iniciação, Baba Yagá é a Mulher Selvagem sob o disfarce da bruxa. À semelhança do termo *selvagem*, o termo *bruxa* veio a ser compreendido como um pejorativo, mas antigamente ele era uma designação dada às benzedadeiras tanto jovens quanto velhas, sendo a palavra *witch* (bruxa, em inglês) deriva do termo *wit*, que significa sábio. Isso, antes que as religiões monoteístas suplantassem as antigas religiões da Mãe Selvagem. De qualquer maneira, porém, a ogra, a bruxa, a natureza selvagem e quaisquer outras *criaturas* e aspectos que a cultura considera apavorantes nas psiques das mulheres são exatamente as bênçãos que elas mais precisam resgatar e trazer à superfície. (ESTÉS, 1994, p.122)

A casa no meio da floresta, no rito iniciático, simbolicamente tem como uma de suas funções engolir e devorar o herói. Tanto por sua casa como por suas palavras e seus atos, Baba Yagá também é uma canibal.

A ameaça de canibalismo, (...) recorda a morfologia das revoltas, já que os trabalhadores rebeldes às vezes demonstravam seu desprezo por aqueles que vendiam o seu sangue, ameaçando comê-los. (...) comer carne humana simboliza uma inversão total dos valores sociais, indo ao encontro da imagem da bruxa como personificação da perversão moral que sugerem muitos dos rituais atribuídos à prática da bruxaria: a missa celebrada ao contrário e as danças em sentido anti-horário. De fato, a bruxa era um símbolo vivo do "mundo ao contrário" uma imagem recorrente na literatura da Idade Média vinculada a aspirações milenares de subversão da ordem social. (FEDERICI, 2017, p. 319)

³² <https://seguindopassoshistoria.blogspot.com/2019/03/baba-yaga.html>

São histórias que falam também da fome que assolou a Europa por gerações. No Brasil a fome sempre foi uma questão não resolvida e talvez, por isso, o conto João e Maria foi muito bem acolhido em nosso imaginário, ganhando várias versões. Corso, (2018, p.41-45) ressalta que tudo gira em torno desse tema: desde o motivo inicial de deixar as crianças na floresta por falta de comida, os pássaros que comem a pista, as crianças que comem os bolinhos, a velha que quer comer as crianças e que morre assada como um pernil. A mãe quer deixar as crianças como refeição para as feras, mas o que as espera não é uma matilha de lobos e sim uma velha perversa, uma outra face da mãe. Nesta simbologia também está contida a relação de mães provedoras, amamentadoras e a dificuldade de mãe e bebê se separarem quando chega a hora. Corso explora este tema "o desmame é o primeiro movimento de independência do bebê, ele ocorre como fim de uma relação amorosa."(CORSO, 2018, p. 43)

Em *Vassilissa, a Sábia* (ESTÉS, 1994, p. 99), Baba Yagá, apesar de ser descrita como uma velha magra, sempre pede refeições enormes e come tudo sozinha, deixando apenas migalhas para a menina. As tarefas também giram em torno de alimentos. E as perguntas sobre os Cavaleiros se dão quando Baba Yagá está comendo (ESTÉS, 1994, p. 105). Há ainda os contos em que o enredo é a preparação do herói ou heroína para ser devorado por ela. Em *Matryona*, Baba Yagá é enganada e come as três filhas, sempre achando que está devorando a menina, que sai voando no final. (WIGINTON. 2017, p.6)

Este motivo de velhas, às vezes ogros e ograds, comerem gente pode ter se originado de situações reais da vida precária na Idade Média onde a fome e miséria grassavam para o povo. Mulheres velhas que não tinham mais como trabalhar viviam em cabanas na beira da floresta. Ali tinham pequenas caças, nozes, frutos silvestres e água. Armadilhas montadas na mata por vezes pegavam crianças famintas que viravam alimento. Uma realidade cruel. No século XV as famílias passaram a priorizar o cuidado com filhos em detrimento ao cuidado com idosos, que eram abandonados. Não tinham mais "força de trabalho" e o maior valor naquele momento era esse. A pressão dos interesses econômicos semeou a ideia de olhar para essas velhas como ameaça, temiam a sua independência, apesar da precariedade em que viviam. Vamos retomar Federici e a questão da apropriação do corpo feita pelo Poder, especialmente da

Igreja e suas regras sobre o “uso” do corpo e da sexualidade. As velhas parteiras, que davam a vida, sofriam a acusação de tirarem a vida também, seja com as ervas abortivas, como um método para controle da gravidez, (gerando poder nas mulheres, que podiam arbitrar um pouco sobre seus corpos), seja sendo acusadas de matarem as crianças e mulheres que muitas vezes não sobreviviam aos partos. Seus conhecimentos medicinais e curativos eram notórios. Muitas mulheres chegaram a fazer parte de corpos médicos, mas os homens ocuparam essa seara expulsando-as da Academia. “À medida que as mulheres ganhavam mais autonomia, sua presença na vida social passou a ser mais constante nos sermões dos padres que repreendiam sua indisciplina” (FEDERICI, 2017, p.64).

No século XVII, as bruxas foram acusadas de conspirar para destruir a potência geradora de humanos e animais, de praticar abortos e de pertencer a uma seita infanticida dedicada assassinar crianças ou ofertá-las ao demônio. Também na imaginação popular, a bruxa começou a ser associada a imagem de uma velha luxuriosa, hostil à vida nova, que se alimentava de carne infantil ou usava os corpos das crianças para fazer suas poções de magia - um estereótipo que, mais tarde, seria popularizado pelos livros infantis. (FEDERICI, 2017, p. 324)

A leitura simbólica desses contos de bruxas famintas sob o ponto de vista Junguiano, numa perspectiva mais afetiva e emocional, nos revela a bruxa como sendo a representação dessa mãe devoradora.

Ser um só com a mãe significa perder-se nela, ser readmitido em suas entranhas, em suma, ser assado, cozido e comido. Observe-se que é uma fantasia possível apenas para quem já tem bem claro que está do lado de fora, por isso, tem medo de ser reincorporado. Só pode voltar a entrar quem já saiu (CORSO, 2008, p.46).

As versões brasileiras de João e Maria que selecionei:

- José e Maria (Contos Folclóricos Brasileiros - Marco Haurélio, 2018, p.33). Ouça aqui:



<https://soundcloud.com/analuisa-584100479/jose-e-maria-1a-parte>

- João Mais Maria (Contos Populares do Brasil - Sílvio Romero, 2000, p.151)
- Joãozinho e Maria (Contos Tradicionais do Brasil - Câmara Cascudo, 2000, p.168)

Voltando ao tema da dualidade e unidade, temos a versão portuguesa de João e Maria, que foi o berço das versões brasileiras, em que surge o lado iluminado da bruxa, a fada que aparece para ensinar o que devem fazer. Sugere ser um duplo da bruxa, que some da história nesse momento para dar espaço a essa figura. Como se a jornada de aprendizagem deles já estivesse no fim.

Em duas dessas versões brasileiras do conto, há uma segunda parte da história em que João, ou José, age heroicamente salvando uma princesa e Maria vira uma garota perversa que tenta estragar a vida do irmão. Não comentarei sobre esta segunda parte porque não temos nenhuma velha neste enredo. Confesso que não gosto deste papel perverso de Maria. Remete à lenda de Cobra Norato e Maria Caninana sua irmã, conto popular recolhido e recontado por CASCUDO (2001, p.23) em que esta mesma relação se dá: o irmão é um bom rapaz e a irmã uma vilã perigosa. Quase a representação da serpente do paraíso misturada com Eva para "estragar tudo".

Retomando a bruxa de João e Maria e comparando-a com Baba Yagá, vemos que ela oferece menos oportunidades de aprendizagem. Há sim um ciclo iniciático desses meninos, que aprendem com essa experiência. Maria que não sabia o que fazer no início é quem dá o golpe final. Ela e João aprendem algo

com essa velha: a contar um com o outro para se protegerem e saber ouvir a intuição (a velha boa). Mas a relação de Baba Yagá com Vassilissa e seus outros interlocutores traz algo a mais, um desafio, uma tarefa, uma meta. Se for cumprida há a possibilidade de sair. Baba Yagá, então, se apresenta como mentora, como uma bruxa iniciática, que prepara a neófita para os desafios da vida. Um tema já visto em *A Sra. Holle*.

Segundo Propp, a Baba Yagá, em sua minúscula casa, lembra um cadáver em um caixão apertado ou em um cubículo especial, onde se enterravam os mortos ou se deixavam os moribundos para que acabassem de morrer. Ela é um morto (PROPP, 2002, p.65-80). Lembrei-me dos contos que vimos acima, das meninas vestidas de madeira, que terminam renascendo e saindo do caixão.

A análise de Baba Yagá como senhora do Reino da floresta e seus animais mostra que a forma mais antiga dessa personagem é a forma animal. Como uma predadora da floresta, ela é capaz de encontrar pessoas pelo cheiro. Seu bordão algumas vezes é: "Sinto o cheiro do espírito russo". Algo bem interessante, porque quer dizer que ela não é russa, mas algo muito anterior, ela pode ser uma figura pagã ancestral, que também foi demonizada pela Igreja, como Holda. "A velha Baba Yagá é a guardiã dos seres da terra e dos céus: o Dia, o Sol Nascente e a Noite. Ela os chama de "meu Dia, minha Noite" (ESTÉS, 1994, p.122). Ela tem relação também com os astros, os fenômenos da natureza, como as velhas míticas e seus filhos, que também têm olfato apurado, do capítulo anterior.

Essa é uma história sobre o despertar da intuição (mensageira da alma). A Mulher Selvagem é a que ousa, a que cria e a que destrói. A história de Vassilissa começa com a proposta de um desafio, de ir buscar o recurso mágico, o fogo. O doador é uma categoria definida no cânone do conto, a forma clássica do doador é Baba Yagá (PROPP. 2002, p.49).

Talvez seja estranho concluir que Baba Yaga pode ser um símbolo de esperança porque ela é tão ambígua, tão assustadora quanto benevolente. Mas a esperança pode ser melhor gerada quando uma mulher sábia não mede suas palavras, e uma verdadeira Baba Yaga não é de medir suas palavras. (ZIPES)³³

³³ Trecho extraído da introdução do livro de FORRESTER **Baba Yaga: The wild witch of the East in Russian fairy tales** disponível em: <https://a.co/d/6LEvC6l> em tradução livre

2.3.3 Outras bruxas e feitiçeras brasileiras:

- A Mulher e a Filha Bonita (Contos Populares do Brasil – Sílvia Romero. 2000, p.213)
- Pedro, José e João (Contos Tradicionais do Brasil – Câmara Cascudo. 2000, p. 125)



<https://soundcloud.com/analuisa-584100479/pedro-jose-e-joao>

Neste conjunto de histórias brasileiras a velha é a representante da sombra que deve ser enfrentada e vencida. Faz parte da iniciação, pois sem ela não há herói ou heroína. Ela quer comê-los, como nas versões de João e Maria acima comentadas, ou dominá-los, como a feitiçera que faz a menina bonita adormecer (variação de Branca de Neve), ou a velha que engrossa seu cabelo para prender e escravizar moços.

A Mulher e a Filha Bonita é uma variação de *Branca de Neve* (GRIMM, 2018, p.203), que chegou até nós provavelmente em versões portuguesas como o conto chamado *A Estalajadeira*, recolhido e recontado por Consigliere Pedroso (p.367). Nestas variações não é a mãe ou madrasta que faz a menina adormecer, mas sim, uma velha feitiçera contratada. A mãe terceiriza sua maldade. Em *A Estalajadeira* ela espeta uma agulha na cabeça da moça (como faz a Moura Torta em *As Três Cidras do Amor*, p. 47). No conto brasileiro ela coloca sapatos na moça que a fazem cair em um sono profundo. A velha aqui é a face mais sombria da mãe, querendo se livrar da filha, pois não aguenta encarar seu crescimento e beleza, enquanto ela própria envelhece. A velha feitiçera volta a atacar quando, depois de acordada e casada com o príncipe, a moça vai parir. A parteira é a feitiçera que substitui os filhos por uma jia e um

sapo. Mas, quando a moça é expulsa do reino, com um seio cortado como sentença por ter tido filhos animais, a velha feiticeira devolve as crianças, assim, sem mais nem menos, sem grandes alardes. É apenas um comentário *en passant* do conto. A princesa vai viver com um gigante e depois reencontra o príncipe, que se arrepende de ter mandado matá-la, voltando a viverem juntos. Esta velha, como duplo da mãe, faz uma perseguição interminável, até que por fim, ela desiste e deixa a filha viver em paz; ou como uma mãe ensinando a filha, simbolicamente, as dificuldades da vida e etapas de crescimento. Como no conto Branca de Neve onde essas etapas também acontecem, só que com outro enredo. Ela pode ser vista como uma mentora. Cruel, mas mentora.

Já a velha do conto *Pedro, José e João* lembra a velha bruxa de Jorinda e Joringel, que aprisiona as moças, só que aqui são moços, que ela alimenta, desafia para um duelo, para depois prendê-los. Neste conto temos o elemento do cabelo que traz muitas simbologias. Ele significa força em muitas culturas; um exemplo clássico é a história bíblica de Sansão. No conto brasileiro o cabelo é a arma da velha para prender suas vítimas. Ele engrossa sob seu comando e com isso os auxiliares animais dos rapazes não conseguem salvá-lo da vilã. Aqui o cabelo é corrente, prisão. Lembra-me Rapunzel que, embora não esteja presa pelos cabelos, eles são como um cordão umbilical que a mantém presa à mãe/bruxa. No momento em que a bruxa corta a trança e exila a menina no deserto, ela finalmente cresce e pode seguir sua vida. João não se deixa amarrar por este fio dominador. Ele já é independente quando vem em auxílio dos irmãos e já sabe reconhecer o poder de subjugar da velha. É a terceira tentativa; simbolicamente, os três irmãos são um só e cada tentativa é um passo para alcançar a liberdade. A velha primeiro alimenta a vítima e depois propõe a luta. É provedora como uma mãe e depois mostra para o filho que ele vai ter que lutar e que a vida é difícil, portanto é melhor ficar sob suas asas. Mas João está pronto para crescer e partir. Da velha morta surgem três ovos, símbolo da vida, como uma ave, ela dá vida, através deles, a três moças, à nova geração, e propicia a integração do rapaz com a moça (anima e animus), concluindo a importante etapa da jornada do crescimento. E digo isso no singular por entender que Pedro, José e João são um só.

2.4 Velha "Cômica"

Quando fiz 16 anos minha avó me deu um livro chamado "ABC do Amor e do Sexo" com ilustrações lindas feitas em grafite e tudo o que eu precisava saber naquele momento sobre o tema. Já adulta, quando me separei, ela me falou ao ouvido: quando o sexo não está mais dando certo não tem jeito.



FOTO 13 - miolo ABC do Amor e do Sexo

SUMARIO		SUMARIO	
PREFACIO AOS PAIS	8	BOBAGENS	79
Nota sobre os Anticoncepcionais	15	REVOLUÇÃO SEXUAL?	80
SEXO É...	25	RELIGIÃO, MORAL E SEXO	80
Falando Sobre Sexo	29	NA CONVERSA DOS OUTROS	82
O QUE É A PUBERDADE	30	SI-MOMSEXUALIDADE	84
1. Como Começa a Funcionar	32	NUDEZ	87
As Primeiras Mudanças	32	PARA QUE SERVE O SEXO? 1. Amor	94
OS MARCOS INICIAIS: Menstruação e Ejaculação	38	MORAL E BOAS MANEIRAS	94
1. Menstruação	38	QUANDO?	96
2. Ejaculação	40	OS PAIS	99
MASTURBAÇÃO	42	PARA QUE SERVE O SEXO? 2. Prazer	102
O QUE FICA DIFERENTE	43	FANTASIAS	103
O QUE FICA IGUAL	44	OS PAPEIS DE CADA UM	104
NÃO TENHA PRESSA!	45	SAIBA O QUE VOCÊ QUER	108
OS ORGÃOS SEXUAIS	48	CASAMENTO	108
1. Mulheres	48	À PROCURA DE AJUDA	111
2. Homens	50	ALCOOL E OUTRAS DROGAS	112
3. Cromossomos	52	DOENÇAS	115
4. A Fala	53	PORNOGRAFIA	117
Seguindo as Normas	54	VIOLÊNCIAS SEXUAIS	118
A RELAÇÃO SEXUAL	54	SEXO É...	119
IMPOTÊNCIA	56	CONCLUINDO...	120
PARA QUE SERVE O SEXO	56	Índice	122
PARA QUE SERVE O SEXO? 1. Reprodução	64	Créditos	128
MÉTODOS ANTICONCEPCIONAIS	70		
1. Camisa-de-venus	70		
2. Diafragma	71		
3. DIU	71		
4. A Pílula	72		
Seguindo as Normas	73		
VIRGENS	76		

FOTO 14 - índice ABC do Amor e do Sexo

Facécias³⁴ brasileiras:

- **A Idade do Diabo** (recolhida e recontada por Marco Haurélio em *Contos e Fábulas do Brasil*, 2016, p.140)
- **A Velha Amorosa** (recolhida e recontada por Câmara Cascudo *Contos Tradicionais do Brasil*, 2000, p.220)

Nesses contos não vi refletida a sabedoria de minha avó que, apesar de ter se constituído mulher num mundo absolutamente machista e opressor, conseguiu dar a mão para a neta ter mais liberdade com seu corpo. Uma mulher real. Nos contos vemos a velha criada pelo imaginário do patriarcado, libidinosa e desprezível pelo fato de ser velha. Como se não pudessem pensar nem gostar de sexo. Marco Haurélio e Câmara Cascudo com seu importante papel na pesquisa e registro, recolheram e recontaram esses contos, nos dando a possibilidade de conhecermos esta representação da velha no imaginário brasileiro e, assim, podermos escrever e falar sobre isso. Federici entra na conversa de novo para comentar sobre as velhas lascivas:

Na criação desse estereótipo, os demonólogos se ajustavam à sensibilidade moral de sua época, tal como revelam as palavras de dois contemporâneos ilustres da caça às bruxas: "há acaso algo mais odioso que ver uma velha lasciva? O que pode ser mais absurdo? E, entretanto, é tão comum. [...] É pior nas mulheres que nos homens. [...] Ela, enquanto velha megera bruxa, não pode ver nem ouvir, não é mais que uma carcaça, ela uiva e deve ter um garanhão" (FEDERICI, 2017, p. 332).

No primeiro conto a velha assusta o Diabo ao expor sua vagina levantando a saia. Ao ver aquilo o Diabo revela sua idade: "Nesses meus 559 anos, nunca vi coisa igual". Marco Haurélio explica sobre as origens prováveis do conto *A Idade do Diabo* e algumas de suas simbologias numa conversa no *Papo no Portal*.³⁵ No conto da velha amorosa, ela tenta seduzir um rapaz jovem de todas as maneiras. Ele, para se livrar da velha, impõe tarefas difíceis em que ela é submetida a torturas até que finalmente acaba morrendo depois de tantas provações e o rapaz sai feliz e aliviado.

Histórias "cômicas" de uma misoginia tal que considero necessário um trabalho específico sobre elas. Mesmo entendendo que trazem simbologias

³⁴ Classificação de Câmara Cascudo para contos cômicos (2000, p.9)

³⁵ Lives mensais produzidas pelo www.portaldashistorias.com.br (live Marco Haurélio: <https://www.youtube.com/live/AxDkCLRPtew?feature=share>)

antigas, como pesquisadora, não consigo deixar de perceber a misoginia presente nestas narrativas. Como o objetivo é homenagear as velhas não me deterei sobre estas, mas não podia deixar de apresentá-las para nossa reflexão política dentro deste trabalho.

2.5 Velha Adivinha

Minha mãe tinha sonhos mirabolantes e premonitórios. Estávamos de férias em Araruama na década de 70 e ela resolveu ir até a telefônica ligar para sua prima, que estava grávida, para dizer que a filha deveria se chamar Clarice. Pois a menina estava nascendo neste dia e seu nome era mesmo Clarisse, só que com dois "s".

Já quase não há mais espaço nesta mesa! Marina Warner, puxa um banquinho e cede sua cadeira para uma sibila, que se senta devagar enquanto Warner explica que sibila é "uma mulher oracular, dotada de uma natureza oculta serpentina, que mais tarde influenciou o elenco dos contos de fada, formado por rainhas, fadas, esposas demoníacas, feiticeiras malvadas e madrinhas amaldiçoadoras" (1999, p.95). Sibila era o nome de uma sacerdotisa que tinha como principal função transmitir os oráculos de Apolo. Sua fama foi tal que se tornou também sinônimo de Pitonisa e "sibila" passou a ser o nome designado para as sacerdotisas de Apolo que se lhe seguiram em vários santuários dedicados a ele (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2018, p.832).

Diz a lenda que a Sibila de Cumas recebeu a promessa de Apolo de realizar-lhe um grande desejo. Ela então colocou um punhado de areia nas mãos e pediu ao deus para viver tantos anos quantos fossem os grãos contidos ali, mas esqueceu-se de pedir, também, a eterna juventude. Os anos se passaram, ela não morria, mas definhava pela idade. Acabou sendo encerrada no templo de Apolo em Cumas, vivendo nove vidas humanas de 110 anos cada.³⁶

Esta história me lembra a de uma outra velha, esta da tradição brasileira, *A Mulher Que Queria ser Imortal*, recolhido e recontado por Ruth Guimarães (2019, p. 164). Uma velha que faz um acordo com a morte. Constrói uma igreja e, enquanto ela não caísse, a morte não poderia vir buscá-la. Passaram-se

³⁶ [Sibila de Cumas – Wikipédia, a enciclopédia livre](#)

centenas de anos e ela, desesperada, quer morrer e a igreja não cai. Velhas que são a morte ou desafiam a morte surgem no imaginário de muitas culturas. Mas não farei um capítulo sobre elas, pois não são exatamente contos de fadas e há o trabalho dedicado a este tema *Ensaio Sobre Morte e Infância*, de Telma Braga, que pode ser consultado para ouvir a própria Velha Morte contando suas histórias³⁷.

Retomando as sibilas, suas profecias, uma vez originadas num tempo passado, aplicavam-se a qualquer momento do presente, e assim eram muito consideradas e tinham enorme valor, exatamente porque estavam livres do contexto histórico em que foram proferidas: estava escrito. "Como visionárias, emissoras da verdade, as sibilas da tradição percorrem a linha do tempo, transformando-se na narradora de aventuras de futuras ficções", foi assim que Warner nos apresentou sua amiga:

São velhas que invertem a tendência misógina clássica e medieval, que usam a velha enrugada para representar o vício. No caso das sibilas, o processo de envelhecimento físico, embora fielmente representado, não é tido como repugnante ou mesmo lastimável, como costumava ser na literatura didática antiga. A velhice, nessa tradição da iconografia feminina, significa sabedoria. Porém, por volta do século XVI e da era da grande Caça às Bruxas, o pavor de mulheres velhas e proféticas atingiu também as sibilas; foram denunciadas como porta-vozes do demônio, mesmo se o que haviam dito fosse verdadeiro. Essas profetisas continuaram sendo as participantes mais antigas no ramo da recordação e do registro; mas é só mudar o texto e o discurso feminino, principalmente a tagarelice das velhas, para que se tornasse algo muito perigoso, um engodo, uma falsa sedução (WARNER, 1999, p. 100-101).

Por volta do final do século XVII, depois da degradação e perseguição às mulheres, veio o período em que já havia o controle sobre elas e sobre os trabalhadores, a ponto de se poder criar uma nova narrativa. Assim chegamos aos contos de fadas enquanto gênero literário impresso. Eles surgem neste período em que a fantasia passa a ser um lugar onde não há céu nem inferno, e onde conceitos éticos como bom e mau, certo e errado são relativizados. Onde a magia acontece e figuras demoníacas como bruxas e feiticeiras, não são mais levadas a sério, nem são temerárias emissárias do demônio, mas sim, vilãs malvadas, sempre derrotadas no final.

³⁷ BRAGA, Telma. **Ensaio Sobre Morte E Infância**. FACONNECT / Polo A CASA TOMBADA. São Paulo. 2023

Esta figura, que agora não mete mais medo, surge, por exemplo, como as fadas dos contos *Bela Adormecida* (2018, p.193) e *Rapunzel* (2018, p.48), recolhidos e recontados pelos Grimm, que determinam o destino da menina. Nas edições posteriores à de 1812, os irmãos transformaram as fadas em bruxas. Como uma sibila, elas profetizam/vaticinam o futuro das meninas.

Há ainda a bruxa de Jorinda e Joringel, também recontada pelos Grimm (2018, p. 273), que é descrita como o modelo clássico desta personagem e, além da aparência de velha enrugada e desgrenhada, ela se transforma em gato e coruja, dois animais que sempre estiveram vinculados à magia e feitiçaria. É a responsável por uma maldição que envolve o castelo em que vive. Esta maldição profetiza: as moças que se aproximam do castelo são transformadas em pássaros e presas em gaiolas e os rapazes ficam paralisados e só conseguem sair se a bruxa autorizar.

O excesso de presenças animais na vida das bruxas sugere também que as mulheres se encontravam numa encruzilhada (escorregadia) entre os homens e os animais, e que não somente a sexualidade feminina, mas também a sexualidade como tal, se assemelhava à animalidade. Para fechar esta equação, as bruxas foram frequentemente acusadas de mudar de forma e tomar a aparência animal, sendo que o "familiar" normalmente mais citado era o sapo, que simbolizando a vagina, sintetizava sexualidade, a bestialidade e o mal (FEDERICI, 2017, p. 349).

Para fechar esta conversa vou chamar para esta mesa a velha do conto *Os Três Coroados*, recolhido e recontado por Sílvio Romero (2000, p.45). Ela é uma sibila, adivinha, doadora, mentora e a única que encontrei com a função heroica. Esta velha monta no cavalo e vai em busca da cura de seus filhos adotivos, assim como faz João no espetáculo *As Três Penas do Rabo do Grifo*. História que era um presente toda vez que minha mãe contava, agora aparece em outra variação que eu não conhecia, em que o herói, João, é substituído por uma velha sem nome, mulher de pescador. A jornada heroica protagonizada por uma velha. Fiquei muito feliz com este encontro. Interessante pontuar que já li este livro do Sílvio Romero algumas vezes buscando e pesquisando e, só agora, este conto me chamou a atenção. A velha adivinha e heroína encontrou-se com minhas velhas nos convidando para uma conversa.

Apresento *Os Três Coroados* com minhas palavras, pois é um conto muito longo, vou sintetizá-lo, usando trechos de Sílvio Romero, assim já vou

comentando à medida que conto. O conto está completo em áudio no reconto de Sílvia Romero se quiser ouvir:



<https://soundcloud.com/analuisa-584100479/os-tres-coroados>

Nesta história temos um motivo, no início, que se repete em narrativas de várias culturas: três irmãs, vendo o rei passar, declaram o que fariam caso se casassem com ele. No reconto de Romero, uma diz que faria uma camisa para o rei que ele nunca teria visto igual; a segunda diz que faria uma ceroula como ele nunca teve e a terceira diz que lhe daria três coroados, isto é, crianças com símbolo real na testa. Na variação portuguesa recolhida e recontada por Teófilo Braga, *As Cunhadas do Rei* (p.247), a primeira diz querer casar com o padeiro do rei, a outra com o cozinheiro e a última tem a coragem de dizer que se casaria com o próprio rei e lhe daria três meninos cada um com uma estrela na testa. Como em todos os contos deste tipo, o rei ouve a conversa e resolve se casar com a moça que promete os filhos coroados, para inveja das irmãs. O que acontece na sequência também se repete nas outras variações: a rainha engravida, as irmãs fazem o parto e substituem os meninos por animais. No caso deste conto, um sapo, uma cobra, e um gato. Interessante pontuar que são animais bem vinculados às bruxas e feiticeiras. Aqui as bruxas más são as jovens irmãs da rainha. O rei acredita nelas e pune a esposa, enterrando-a até o peito no chão em frente ao palácio e ordenando a todos que passassem por ali que lhe cuspissem na cara. O tamanho desta violência é imenso. Ela é tratada como pária de maneira vil e cruel. No reconto de Teófilo Braga também é assim. O rei trata a rainha como uma mercadoria que veio com defeito e, com raiva, expõe o produto "estragado" à humilhação pública. Sem comentários para ele.

Em outros contos com motivos semelhantes a rainha é desterrada, como vimos em *A Mulher e a Filha Bonita*.

As crianças são jogadas ao mar numa sacola e um pescador as encontra. Ele e sua velha mulher criam os meninos. Esta é a velha que será a força motriz da transformação. Os meninos crescem e são vistos pelas tias andando pela cidade. Reconhecendo-os, elas os atraem e, com frutas venenosas, os transformam em pedras.

Crianças paralisadas, mãe enterrada, quem pode buscar a cura? A velha, sibila, sabe que tem que ir até a casa do Sol para conseguir o remédio de virar pedra em gente. Ela monta em seu cavalo e vai.

No diário de minha avó achei uma frase do tempo em que ela cuidava do meu avô cheio de sequelas de um derrame. Foram 4 anos de luta até ele morrer e ela escreveu

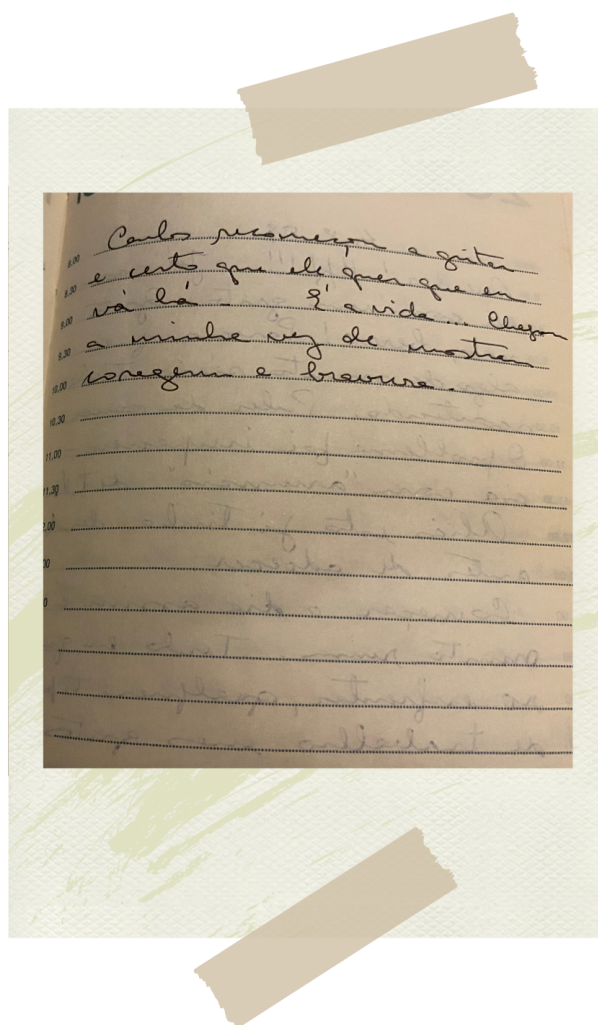


FOTO 15 - Diário de minha avó - acervo pessoal

No caminho, a velha passa por um rio que pede a ela que pergunte ao sol a razão de, mesmo sendo ele um rio tão bonito, grande e fundo, nunca haver criado peixes. A velha segue e encontra uma árvore sem uma só fruta, que também pede a resposta do sol: por que, sendo ela tão grande, tão verde e tão copada, nunca ter dado frutos. Depois de andar muito, passou pela casa de três moças solteiras, já passando da idade de casar (sic) que lhe perguntam por que, sendo elas tão formosas, ainda não se tinham casado. A velha continua a caminhar.

Comparando com a história de meu espetáculo "As Três Penas do Rabo do Grifo", João também passa pelo rio, sua última etapa antes de encontrar o monstro, só que, quem tem dúvidas é o barqueiro que o atravessa, preso aos remos sem poder sair. Na primeira cidade onde João para, há um chafariz que jorrava vinho e não jorra mais, um problema similar ao da árvore sem frutos e das moças que não encontram seus maridos e podem também ser relacionadas com a segunda parada de João, onde um velho fazendeiro não pode ver a mulher que está trancada na despensa e ele não consegue abrir. O encontro entre homem e mulher está interdito, como no caso dessas moças.

Até que a velha chega à casa do Sol. E quem a recebe é outra velha, a mãe dele (A Dinda do Grifo!). A velha mítica já citada antes, agora recebe a velha heroína na casa do Sol. O Sol não gosta de estranhos em casa, é muito zangado e queima tudo. "Fum... aqui fede a sangue real!..." (olfato apurado como o de Baba Yagá e do Grifo). Interessante ele falar isso, pois a velha não tem sangue real, o que nos faz pensar que simbolicamente ela é a representação da mãe, da rainha, que se move através dela. A mãe do sol disfarça. Serve comida para o filho e, enquanto ele come, ela vai extraindo as respostas, como Vasilissa faz com Baba Yagá.

"Meu filho, um rio muito fundo largo porque é que não dá peixe?" "É porque nunca matou gente". No *Grifo* a solução para o barqueiro é dar os remos para o passageiro, assim ele fica preso à sina, como ficou o rei no final da história, lembra? Penso que para o rio ter vida e o barqueiro ficar livre ambos precisam ir além do seu limite, ampliar sua área de ação. O barqueiro deixa seu lado medroso aprisionado e sai, o rio se expande e encontra seu lugar no mundo, do tamanho que lhe cabe.

Voltemos à nossa história, passou-se um pouco de tempo e a velha fez outra pergunta: "E uma árvore muito verde copada porque é que não dá fruta?" "Porque tem dinheiro enterrado embaixo". Em *O Grifo* a solução para a fonte jorrar é tirar uma moeda que tapava o cano. Nos dois contos o dinheiro não é a solução e sim o impedimento. Há um conto da África do Sul que tem este episódio da árvore com o baú de dinheiro impedindo seu crescimento, *O Homem sem Sorte*.³⁸ Mas essa é uma outra história que conto uma outra vez.

Vamos seguir com a mãe do Sol e suas estratégias. Pouco tempo depois, outra pergunta: "E umas moças bonitas e ricas por que não se casam?" "Porque costumam mijar para o lado em que eu nasço". No meu espetáculo, para o fazendeiro abrir a despensa e encontrar sua velha, ele deveria olhar embaixo da escada, encontrar um alçapão, dentro do alçapão haveria uma caixa, dentro da caixa, uma chave que abriria a porta! Nas duas histórias a "chave" para que os encontros aconteçam é conseguida pela velha mãe/dinda. A mãe do sol deixou passar mais um tempinho e perguntou: "E qual será o remédio para gente que tiver virado pedra?" Aí o Sol enfadou-se: "O que querem dizer hoje essas perguntas?" "Não é nada, meu filho; é que, às vezes, porque vivo aqui sozinha, me ponho a imaginar essas tolices". O sol respondeu: "O remédio é tirar da minha boca um bocado quando eu estiver comendo e botar em cima da pedra". A velha daí a pouco fingiu um espanto, levou a mão à boca do sol e tirou um bocado, dizendo: "Olha, meu filho, um espinho na comida!" Daí a um pedaço, a mesma coisa. "Olha o cabelo, meu filho!" Numa terceira vez ela fez o mesmo e o sol se levantou aborrecido: "Ora, minha mãe, seu de comer hoje está muito porco, não quero mais". Deitou-se e no dia seguinte foi embora para o mundo.

No espetáculo esta cena, assim como neste conto, é muito divertida, ao invés de estar comendo como o sol, o Grifo está dormindo e a Dinda arranca as penas e, a cada vez que ele acorda, ela dá uma desculpa, como a mãe do Sol, e faz uma pergunta. O que João e a velha precisam é de algo do corpo deste monstro devorador, sejam suas penas, ou a comida de sua boca, o elixir.

³⁸ Ouvei este conto pela primeira vez da boca de Gislayne Matos, escritora e contadora de histórias mineira

Os deuses e deusas devem ser entendidos, em consequência, como encarnações e guardiões do elixir do Ser Imperecível(...). Assim, o herói busca, por meio do seu intercurso com eles, não propriamente a eles, mas a sua graça, isto é, o poder de sua substância sustentadora. Essa miraculosa energia-substância, e só ela, é o Imperecível; os nomes e formas das divindades que, em todos os lugares as encarnam distribuem e representam, vêm e vão (CAMPBELL, 2010, p. 169).

A velha heroína com as respostas e os bocados de comida, pôs-se a caminho. Dormiu na casa das moças e, no dia seguinte bem cedo, as moças correram para o lugar onde costumavam urinar, voltadas para o nascer do sol. A velhinha as repreendeu: "Esta é a razão de vocês não se casarem; percam este costume de mijar para a banda de onde o sol nasce". As moças assim fizeram e logo acharam um casamento. A andadeira tomou seu caminho. Chegando na fruteira, pôs-se a cavar debaixo dela sem dizer nada. Quando puxou um grande caixão, só então disse porque a fruteira não dava frutos. O pé de árvore começou logo a carregar que parecia uma praga. A velha seguiu. Ao chegar ao rio ele lhe indagou do seu recado: "Logo lhe digo"; e a velha, espertamente, foi passando depressa. Quando se viu bem longe, gritou: "É porque você nunca matou gente". O rio botou logo uma enchente tão grande que por um triz não matou a velha.

Afinal, ela chegou em casa e aplicou os três bocados de comida do Sol em cima das três pedras, e os meninos se desencantaram. A notícia deste feito chegou aos ouvidos do rei que intimou a visita dos meninos. Antes de irem à presença do rei a velha ensinou:

Quando vocês lá chegarem, meus filhinhos, que passarem pela escada, se ponham de joelhos e tomem a benção daquela pobre mulher que está enterrada, parecendo um cadáver, porque é a mãe de vocês. No jantar não queiram ir para a mesa sem que o rei a mande desenterrar e a botar também à mesa. Quando ele der a cada um o seu prato, não comam e deem todos os três a ela, que os vai devorar num instante, pois está morta de fome. Aí as duas moças que lá tem, que são as tias de vocês, hão de dizer: "Que barriga de monstro que cabe três pratos de uma só vez!" A isto vocês respondam, tirando os bonés e dizendo: "Não é de admirar que caiba três pratos de comida, quando coube três coroados!" E mostrem ao rei as cabeças (ROMERO, 2000, p. 49).

Assim foi: Todas as coisas se repetiram pela forma indicada pela velha adivinha, com grande surpresa para o rei e desapontamento para as duas infames malfeitoras. Tudo acabado, o rei voltou a viver com sua mulher, recuperada e novamente bela, e os seus filhos no Palácio. O pai perguntou aos filhos o que queriam que ele fizesse às tias. Os meninos responderam que ele

mandasse buscar quatro burros bravos e as amarrassem nos rabos. Assim fizeram e elas morreram lascadas ao meio.

E o rei, que foi um crápula, saiu ileso desta história. Enfim, o tema da conversa não é ele, mas como já comentei antes não é possível passar por isso sem ao menos pontuar.

A velha é sensacional, resgata a rainha, sua honra, devolve seus filhos e humilha o rei e as cunhadas. Ela traz a mãe "de volta à mesa", de volta à cena. Bonito seria se, depois disso, o povo, indignado com o que o rei fizera com a rainha, depusesse o tirano e empossasse a mãe e os filhos, tendo a velha como conselheira. Acho que seria um belo final!

3. LAVANDO A LOUÇA DO CHÁ

Com as delicadas xicarazinhas nas mãos, a água escorrendo, enquanto lavo a louça, penso nessas tantas conversas. Circulei de mesa em mesa e ouvi e aprendi com essas mulheres fantásticas. Foi mais do que um chá, foi uma jornada heroica, cavalgando em busca da cura para as dores que a partida das minhas velhas deixou. Cada etapa desse trajeto revelou uma questão a ser respondida: a linhagem feminina que se foi, as velhas ceifadas pela pandemia levando às reflexões sobre a Caça às Bruxas, o patriarcado e seu poder opressor, dualidade ou unidade, luz e sombra - todos esses aspectos foram entrelaçados como uma teia, uma trama. Fios que essas velhas sabem tão bem manusear.

Guiada pela memória das minhas velhas, simbolizo através delas todas as mulheres que se foram nesse período sombrio da História, atribuindo-lhes nomes e histórias. Na casa do Sol, encontro o alimento da cura e algumas respostas para minhas indagações ao me conectar com as velhas do imaginário, que, assim como minhas ancestrais reais, me ensinaram valiosas lições. Elas me transmitiram o conhecimento da vida em suas nuances luminosas e sombrias, em suas dádivas e anseios devoradores.

Espero que essas conversas contribuam no sentido de ressignificar as velhas que, durante a Caça às Bruxas foram vilanizadas e queimadas e na pandemia, reduzidas a números e estatísticas, lembrando sua magia e sabedoria, o legado de seus preciosos ensinamentos, que poderiam ter sido

espalhados por mais tempo, se tivessem tido a oportunidade de terem sido atendidas e vacinadas pelo Poder Público.

Dedico este trabalho não apenas à minha mãe e minha avó, mas também às Tias Bitá e Maria Adelaide, irmãs de minha avó, cujo afeto e memória deixaram um imenso legado em minha vida, e à minha Dinda, Vera, uma luz que brilha em meu caminho, não como personagem de uma peça, mas como presença real e inspiradora, sempre ensinando e aprendendo.

Minha avó dizia que é preciso ter sempre um projeto para dar sentido à vida. Assim pintava e bordava. Minha mãe não gostava de linhas e agulhas, preferia costurar seus projetos com palavras. Eu costuro sonhos com palavras.

Trecho da canção de Tomás Borba com versos de Guerra Junqueiro (1850 - 1923) *A Moleirinha*, que minha bisavó cantava para minha avó e minha mãe como cantiga de ninar, com a qual arremato o espetáculo *As Três Penas do Rabo do Grifo* e esta conversa também.

Pela estrada plana toc, toc, toc
Guia o jumentinho uma velhinha errante
Como vão ligeiros, ambos a reboque,
Antes que anoiteça, toc, toc, toc
A velhinha atrás, o jumentinho adiante!...

Toc, toc, a velha vai para o moinho,
Tem oitenta anos, bem bonito rol!...
E, contudo, alegre como um passarinho,
Toc, toc, e fresca como o branco linho,
De manhã nas relvas a corar ao sol.

Toc toc toc, sigo adiante com as lições dessas velhas, como uma herança preciosa. Que este trabalho seja uma celebração ao passado, um testemunho do presente e um tributo ao futuro que eu desejo que seja construído a partir da sabedoria das velhas que vieram antes de nós. Enquanto guardo a louça penso

na continuidade desta conversa e em aprofundá-la em forma de espetáculo de teatro narrativo. Lembro-me do sonho de Clarissa:



Ouçã aqui: <https://soundcloud.com/analuisa-584100479/sonho-de-clarissa>

“Uma vez sonhei que estava contando histórias e sentia alguém dando tapinhas no meu pé para me incentivar. Olhei para baixo e vi que estava em pé nos ombros de uma velha que segurava meus tornozelos e sorria para mim. "Não, não" disse-lhe eu. "Venha subir nos meus ombros, já que a senhora é velha e eu sou nova." "Nada disso" insistiu ela. "É assim que deve ser." Percebi que ela também estava em pé nos ombros de uma mulher ainda mais velha do que ela, que estava nos ombros de uma mulher usando manto, que estava nos ombros de outra criatura, que estava nos ombros..." (Estés, 1994, p.34 e 35) clique para ouvir o áudio

Ao propor este chá eu ainda não tinha desembalado o aparelhinho de chá de bonecas da minha bisavó e, quando o tirei da caixa, vi que a tampa do açucareiro estava quebrada. Ao começar a colar para fazer a foto me lembrei desse trecho da entrevista de Ana Maria Gonçalves que tinha me marcado na época em que li e nunca mais me esqueci (2017).



Eu não quero me confundir com essa sociedade. Eu quero ajudar a criar um novo modelo de sociedade, que parta da fissura, do quebrado. É interessante notar que, na arte japonesa, a fissura valoriza o objeto que se quebrou. Depois de ser restaurado com pó de ouro, o objeto é mais valioso. Nossas vozes e nossas ideias são pó de ouro. (Ana Maria Gonçalves)

Eu falo que me interessa a fissura. E acho que estamos nesse momento de fissura. Kintsugi, a arte japonesa, é uma metáfora de onde eu quero trabalhar, sobre o que eu quero falar. Quando a cerâmica quebra, eles fazem uma mistura de laca com pó de ouro e colam aquilo, deixando muito visível que a colagem aconteceu. Esse, para mim, é o papel do artista contemporâneo. É aquele que cola, liga, mas não faz desaparecer. Permanece ali como incômodo, com trauma, como relevo. Ele não se incorpora ao tecido mais. Na verdade, ele é a marca de que aquelas rupturas aconteceram. Estamos em um momento quando algo se quebrou. Está falido. O sistema de governo que funciona no Brasil há séculos se mostrou falido, quebrado. E não me interessa ser assimilada em uma sociedade racista, machista, homofóbica.



Foto 15 - Trecho de entrevista de Ana Maria Gonçalves para a Revista Cult etapas de restauro da tampa do açucareiro

Chego ao fim deste encontro com esta bela imagem que traduz o processo vivido por mim e também o delicado trabalho que é identificar as fissuras geradas pelas construções sociais e culturais e como podemos olhá-las através desta ideia de repará-las, mas não as esconder, revelá-las para ressignificá-las, cada um a seu modo. Este foi o meu.

Síntese poética:



<https://youtu.be/xkVzIH07BEA>

4. REFERENCIAL

- ALVES, Januária Cristina. **Abecedário de Personagens do Folclore Brasileiro**. 1a. edição. FTD -SESC. São Paulo. 2017.
- APULEIO, Lucio. **O Asno de Ouro**. Clássicos de Bolso. Ediouro.
- BRAGA, Teófilo. **Contos Tradicionaes do Povo Portuguez**. eBook gerado a partir do Wikisource
- BRANDÃO, Junito. **Mitologia Grega - Volumes 2 e 3**. 15a. edição. Editora Vozes. Petrópolis. 2005.
- BRUM, Eliane. **Me Chamem de Velha**. Revista Época. 2012. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/eliane-brum/noticia/2012/02/me-chame-m-de-velha.html> . Acesso em: 12 de agosto de 2023
- CAMPBELL, Joseph. **O Herói das Mil Faces**. 15a. edição. Cultrix. São Paulo. 2010
- CASCUDO, Câmara. **Contos tradicionais do Brasil**. 12a. edição. Global Editora. São Paulo. 2003.
- CASCUDO, Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 9a. edição. Global Editora. São Paulo. 2000.
- CASCUDO, Câmara. **Lendas Brasileiras**. 7a. edição. Global Editora. São Paulo. 2001.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário dos Símbolos**. 31a. edição. José Olympio Editora. Rio de Janeiro. 2018.
- CORSO, Lichtenstein Diana; CORSO, Mario. **Fadas no Divã**. Psicanálise nas histórias infantis. 1a. edição. Reimpressão. Artmed. Porto Alegre. 2008
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres Que Correm com os Lobos**. Editora Rocco. Rio de Janeiro. 1994.
- FAUR, Mirella. **Holda**. Templo da Nova Era. Disponível em: [Holda](#) Acesso em: 12 de agosto de 2023
- FEDERICI, Sílvia. **Calibã e a Bruxa**. 1a. edição. Editora Elefante. São Paulo. 2017.
- FORRESTER, Sibelan. **Baba Yaga: The wild witch of the East in Russian fairy tales**. Jackson. University Mississippi Press. 2013.
- GRIMM, Jacob e Wilhelm. **Contos e Lendas dos Irmãos Grimm**. Volume 6 e 8. Gráfica e Editora Edigraf. São Paulo. 1963

GRIMM, Jacob e Wilhelm. **Contos Maravilhosos Infantis e Domésticos - 1812 / 1815**. 1a. edição. Editora 34. São Paulo. 2018.

GRONICH, Amanda. **Malleus Maleficarum**. NatgeoTV. 2010. Disponível em: [Malleus Maleficarum - O Martelo das Bruxas \(Documentário - NGC\)](#) Acesso em: 12 de agosto de 2023

GUIMARÃES, Ruth. **Lendas e Fábulas do Brasil**. Letra Selvagem. Taubaté. 2019.

HAURÉLIO, Marco. **Contos e Fábulas do Brasil**. 2a edição. Nova Alexandria. São Paulo. 2016.

HAURÉLIO, Marco. **Contos Encantados do Brasil**. 1a. edição. Aletria. Belo Horizonte. 2022.

HAURÉLIO, Marco. **Contos Folclóricos Brasileiros**. 1a. edição. Paulus. São Paulo. 2018

HAURÉLIO, Marco. **Lendas da Terra do Sol**. 1a. edição. Paulus. São Paulo. 2019.

HAURÉLIO, Marco. **Vozes da Tradição**. Editora IMEPH. Fortaleza. 2018.

HERSCHELIAN. **A Magical Fish and Golden Slippers**. Jasmine Tea & Jiaozi. Wordpress. 2013. Disponível em: [A Magical Fish and Golden Slippers – China's Cinderella | JASMINE TEA & JIAOZI](#) Acesso em: 12 de agosto de 2023

MENON, Maurício Cesar. **Da Bruxa na Literatura Brasileira do Século XIX**. XI Congresso Internacional da ABRALIC - Tessituras, Interações, Convergências. USP. São Paulo. 2008.

PEDROSO, Consiglieri. **Contos Populares Portugueses**. Landy Editora.

PERRAULT, Charles. **Contos de Mamãe Gansa**. L&PM Editores. Porto Alegre. 2012.

Conheça a faixa etária dos mortos por covid no Brasil e em outros países.

© 2023 Todos os direitos são reservados ao Poder360, conforme a Lei nº 9.610/98. A publicação, redistribuição, transmissão e reescrita sem autorização prévia são proibidas. Poder 360. 2021. Disponível em:

<https://www.poder360.com.br/internacional/conheca-a-faixa-etaria-dos-mortos-por-covid-no-brasil-e-em-outros-paises/> Acesso em: 12 de agosto de 2023

PROPP, Vladimir. **As Raízes Históricas do Conto Maravilhoso**. 2a edição. Martins Fontes. São Paulo. 2002.

ROMERO, Silvio. **Contos Populares do Brasil**. Landy Editora. São Paulo. 2000.

RUSSEL. Jeffrey B.; ALEXANDER, Brooks. **História da Bruxaria**. 2a edição. Aleph. São Paulo. 2019.

SANTANA, Bianca. **Ana Maria Gonçalves: 'Nossas vozes e nossas ideias são pó de ouro'**. Revista Cult. 2017. Disponível em:

<https://revistacult.uol.com.br/home/ana-maria-goncalves-entrevista/> Acesso em: 12 de agosto de 2023

STONE, Merlin. **Quando Deus era Mulher**. Goya. São Paulo. 2022.

STONE, Ryan. **Baba Yaga: The Wicked Witch of Slavic Folklore**. Ancient Origins. 2023. Disponível em:

[Baba Yaga: The Wicked Witch of Slavic Folklore | Ancient Origins](https://www.ancientorigins.net/baba-yaga-the-wicked-witch-of-slavic-folklore) Acesso em: 12 de agosto de 2023

VILAR, Leandro . **Baba Yaga**. Seguindo Passos Da História. Blogspot. 2013. Disponível em:

<https://seguindopassoshistoria.blogspot.com/2019/03/baba-yaga.html> Acesso em: 12 de agosto de 2023

WARNER, Marina. **Da Fera à Loira**. Companhia das Letras. São Paulo. 1999.

WIGINTON, Jennifer. **Baba Yaga Tales**. Kindle. 2017

4. ANEXO - HISTÓRIAS

VELHA MÍTICA

Mães do Sol, da Lua e do Vento nos contos brasileiros

Todas recolhidas e recontadas por Marco Haurélio

O Calanguinho Infante (Contos e Lendas da Terra do Sol, 2019, p. 49)

Uma rainha não conseguia ter filhos e invejava até os animais. Nasceu-lhe um calango. Uma moça, Flor do Dia, resolve cuidar do bicho. O calango cresceu e ela passou a ser visitada por um moço bonito. Ela põe sete saias e pede que a cada vez que ela tire uma saia ele tire uma pele, sete peles. (Veja aqui uma referência ao "Sete Peles", o diabo) Ele surge, mas pede que ela não lhe veja o rosto. Ela, como Psique, acende a vela, cai a cera e ele desperta. Com esta atitude, ela dobra os encantos que recaiam sobre o calango e terá que buscá-lo muito longe. Vai até a casa da Lua e quem a recebe é a velha mãe dela, depois vai até a casa do Sol e sua velha mãe abre a porta e, por fim, à casa do Vento e, como nas outras casas, é a velha mãe dele que a recebe. O Vento a leva e lá no reino do príncipe, tudo se resolve.

Calango do Bico Doce (Contos Encantados do Brasil, 2022, p. 93)

Conta de um caçador que não conseguia mais caçar. Ele encontra um calango. O bicho oferece caça em abundância desde que o homem lhe desse a primeira coisa que visse quando chegasse em casa. Acordo feito. Ao invés da cadelinha que sempre o recebia, veio a filha. Mesmo com medo, ela foi com o calango para a floresta. Chegaram num buraco. Ela fechou e abriu os olhos num palácio magnífico. Era servida e o palácio estava sempre limpo, mas não tinha ninguém. Passou-se o tempo. Saudades. Ela pede para visitar a família e recebe ordens dele de não trazer nada de lá, senão perde tudo o que poderá ter. Ignora o alerta e traz fósforos e vela curiosa para ver quem dorme com ela. Acende e vê um rapaz muito bonito. A cera o queima e ele foge. Ela terá que andar com armas e roupa de ferro até encontrar o reino de *Bela Miragem* para vê-lo. Caminha por um descampado e chega à casa da Lua. Quem a recebe é a velha, mãe da Lua. Vai à Casa do Sol e do Vento e as velhas mães a recebem e intermediam a conversa. Ela recebe presentes que a ajudarão em sua tarefa de

recuperar o Calango. O Vento leva a moça para o reino de *Bela Miragem*. Lá tudo se resolve, ele, inclusive, vira príncipe de uma vez.

Angélica mais afortunada e o Príncipe Teiú (2016, p.64)

Mesmo motivo do caçador que não consegue caçar. O teiú se aproxima e pergunta o motivo da tristeza. Ao saber, pergunta o que ganhará em troca se resolver o problema. O caçador oferece a primeira coisa que vir quando chegar em casa. Geralmente sua cachorrinha. Angélica a caçula vem ao seu encontro desta vez e deve ser entregue ao teiú. O pai recebe um prato de comida em troca da filha e o teiú a leva. Mesma sequência de motivos até o momento em que ela deixa cair a cera sobre o rapaz que vai embora dizendo que ela deverá ir encontrá-lo em seu reino. Angélica sai com uma trouxinha e está grávida. Não há peregrinação no conto de Angélica. Ela vai parar na casa de uma velha. A velha avisa ao rei que o bebê é filho do príncipe teiú. O rei pede para a velha cuidar. A velha faz vigília enquanto o príncipe vem três noites para ver o filho e quebra o encanto.

VELHA DOADORA

Velha conselheira:

Corpinho de Pau - recolhida por Marco Haurélio, Contos e Lendas da terra do Sol. 2019, p. 79

O pai adotivo, depois de viúvo, promete se casar com aquela em que couber a aliança da esposa. Coloca no dedo da enteada e, claro, a aliança cabe como uma luva. Ele a pede em casamento. Ela se desespera, pede dias para pensar e para dificultar a realização do casamento indesejado, pede os vestidos, cada um por vez. Como o "padrasto" consegue, ela recorre à avó (que era uma fada) que recomenda que ela vá a um marceneiro específico e encomende uma roupa-armário, como uma armadura com gavetas. Quando fica pronta ela guarda todos os vestidos e joias, água e comida veste a roupa de pau e passa na casa da avó para se despedir. Ela lhe dá uma varinha mágica. Vai trabalhar na casa de um moço rico. Há a festa do Bom Jesus, três dias. Ela aparece em cada dia com um vestido diferente. O jovem adocece de amor e ela se apresenta para ele lindamente vestida e ele se cura.

Cara de Pau - recolhida por Marco Haurélio. Contos Folclóricos Brasileiros. 2018, p.59

Quando a mãe morre, o pai se apaixona pela filha e a pede em casamento. A menina vai chorar na beira da fonte, onde encontra um cavalo que se oferece como auxiliar mágico. No caminho de volta para casa, encontra uma velha que, ao ouvir seu problema, sugere os vestidos. Como o pai sempre consegue arranjá-los, a velha propõe que ela peça uma cara de pau igualzinha a ela. O pai mais uma vez consegue e desta vez a menina resolve, sozinha, fugir levando a cara de pau e os três vestidos. Chama pelo cavalinho e pede que ele a leve até o palácio do filho do rei. Ela trabalha no palácio e nas missas de domingo aparece sem a máscara e com um dos belos vestidos. O príncipe se apaixona sem saber quem ela é. No último encontro, ela foge dele levando o anel que lhe arranca do dedo. O príncipe cai doente. Cara de Pau se oferece para fazer um chá e coloca o anel no fundo da xícara. Quando ele toma o chá vê o anel e pede a moça em casamento.

Sargento de Pau - recolhida por Ruth Guimarães. Lendas e Fábulas do Brasil. 2019, p. 78

O rei viúvo se apaixona pela filha e quer casar com ela. A filha se tranca no quarto e chora. Aparece uma velha que lhe aconselha os vestidos. O desejo do pai era por conta de uma tentação do Diabo que, aliás, aparece como mascate oferecendo os vestidos pedidos pela menina. A velha é a madrinha, Nossa Senhora, que dá a ela uma figura de pau que parecia um sargento. A menina arruma um baú com seus vestidos e entra dentro da figura com baú e tudo. Vai trabalhar no palácio de outro rei. Limpava as cavalariças e cuidava do cavalo branco do príncipe. Na primeira festa o príncipe dá uma bofetada em Sargento de Pau por ele estar na festa. Ela veste seu vestido, ele se encanta e ela diz que é da Terra da Bofetada. Na segunda festa, uma chicotada, e ela depois, linda, diz que é da Terra da Chicotada. Na terceira festa, pontapé e ela, magnífica, diz que é da Terra do Pontapé, muito próxima àquele reino. O príncipe adocece e ninguém consegue achar a princesa, sempre escorraçando o Sargento de Pau. Ele oferece três vezes a cura e ninguém se interessa. Na terceira vez, como última esperança aceitam. A moça, com sua roupa de pau, faz uma tisana com ervas e põe no fundo da xícara o anel que usara nos bailes.

O príncipe toma de má vontade e quando vê o anel pede para falar com o Sargento de Pau. A moça aparece linda e casa-se com seu algoz.

Velha Fada:

Maria Borracheira - recolhida e recontada por Sílvio Romero, Ruth Guimarães e Marco Haurélio. 2000, p.105

Maria Borracheira foi recolhida por Marco Haurélio em duas versões e por Silvio Romero. Com pequenas diferenças, é a versão brasileira da Cinderela. Maria é órfã de mãe que lhe deixara uma vaquinha de presente. Na versão de Silvio Romero e numa das versões de Marco Haurélio, a vaquinha é mágica e se comunica com a menina, na outra versão deste mesmo autor, Nossa Senhora, que é madrinha da menina, ouve seus lamentos e dá os poderes à vaquinha deixada pela mãe. A garota é maltratada pela madrasta e sua filha. Um dia Maria recebe ordens de fiar uma quantidade imensa de algodão, sendo impossível cumprir a tarefa no tempo ordenado. Ela chora e a vaquinha a ajuda. Assim ela consegue realizar os pedidos absurdos da madrasta. Na versão de Marco Haurélio a velha é Nossa Senhora que dá o dom à vaca deixada pela mãe.

Desconfiada, a madrasta descobre o "truque" e pede ao marido para matar a vaca, pois está com desejo de comer sua carne. A vaquinha diz para Maria guardar seus ossos e lavar o fato, nele irá aparecer uma varinha mágica. Assim acontece. Maria solta a gamela com o fato na beira do rio e vai seguindo chegando à casa de velhas tatas (fadas). Ela arruma a casa enquanto as velhas não estão lá e se esconde. Recebe dádivas pelo seu trabalho. A irmã quer saber onde Maria conseguiu seus dons. Ela conta tudo às avessas e a irmã, preguiçosa e má, recebe maldições das velhas tatas. (Como a Sra. Holle faz). Temos os bailes, os vestidos e o sapatinho. Nossa Senhora é quem dá o objeto mágico, mas quem o manipula e faz as coisas acontecerem é a menina, assim como em Pele de Asno.

Almofadinha de Ouro recolhida e recontada por Câmara Cascudo. 2000, p.64

O início é de Cinderela, com a madrasta e filha abusando e maltratando a menina. Quando resolve fugir, ela reza pedindo à Nossa Senhora orientação e proteção, que aparece como uma velhinha na beira do rio e dá a ela uma almofadinha de ouro, com poderes dotados por Deus. A menina encontra trabalho num palácio e se apresenta bem suja para não despertar suspeitas. Trabalha cuidando de porcos e galinhas. Temos os três bailes onde ela pede à almofadinha de ouro os vestidos. Na primeira noite ele lhe dá um anel, na segunda um par de brincos, na terceira um colar. O Príncipe adocece por não encontrar sua princesa. Ela, como criada, pede à Princesa Velha, mãe do Príncipe, para fazer-lhe um bolo. Ela coloca no meio da massa o anel que o Príncipe lhe deu no primeiro baile. O Príncipe acha o anel, come todo o bolo e pede outro. Vêm os brincos e depois colar. O Príncipe pede para ver quem fez os bolos e ela vem com seu vestido cor do céu e os dois se casam.

Bicho de Palha - recolhida e recontada por Câmara Cascudo.2000, p.46

Nessa história também temos uma Cinderela. No início, sua madrasta e filha que sempre a vilipendiando por inveja quando o pai está fora. Uma velhinha do rio dá a ela uma varinha de condão e aconselha a menina a fugir e se vestir com uma capa e palha. Ela vai trabalhar no castelo do Príncipe e logo acontecem os bailes. Antes de cada baile ela serve ao Príncipe alguma coisa e este é o nome dado à rua da princesa misteriosa quando ela o encontra no baile: Rua das Bacias, Rua das Toalhas e Rua dos Pentes. O final é como Cinderela, calça o sapatinho e a varinha desaparece, pois já tinha cumprido o desejo de Nossa Senhora, que era a velhinha.

VELHAS BRUXAS E FEITICEIRAS

Versões brasileiras de João e Maria

José e Maria (recolhida e recontada por Marco Haurélio, 2018, p.33)

João Mais Maria (recolhida e recontada por Sílvio Romero, 2000, p.151)

Joãozinho e Maria (recolhida e recontada por Câmara Cascudo, 2000, p.168)

José e Maria é uma versão do clássico conto de fadas, a versão que resumo aqui, recolhida por Marco Haurélio, conta que um casal tinha muitos filhos. O marido resolveu "perder" alguns. A mãe não queria muito. O pai os levou para a mata, mas as crianças marcaram o caminho com caroços de uva e, assim, voltaram para casa. Novamente são levados para a floresta. Maria, desta vez, come os caroços e cascas que José jogou no caminho e não conseguem voltar. Vivem um tempo sozinhos na floresta até que um dia, José acha a casa da velha. Ela é cega de um olho e fritava uns bolinhos. José rouba os bolinhos. Leva Maria depois com ele e, quando ela vai roubar um bolinho, dá risada com os resmungos da velha. Ela dá de comer e depois tranca-os num quarto. Quer engordá-los para comê-los depois. Confere se estão gordos pelo dedinho, que na verdade é um rabo de lagartixa que José matou. Maria some com o rabinho e José é obrigado a mostrar o dedo. A velha acha que estão prontos para serem comidos, mandando os dois buscarem água e lenha. A caminho da fonte encontram uma mulher que lhes diz o que fazer. A mulher era Nossa Senhora. Os meninos fazem como ela aconselha: a velha vai parar no forno e explode. As cinzas são jogadas no rio e dela surgem dois cães. Aqui começa uma segunda parte da história onde José é o herói e Maria é pérfida estragando tudo como já faz no início do conto. Como não há nenhuma figura de velha nesta segunda parte, nossa sinopse para por aqui.

Há algumas pequenas diferenças na versão recolhida por Sílvio Romero (João mais Maria), mas é basicamente o mesmo enredo, contendo também a segunda parte. Já a versão de Câmara Cascudo é mais próxima do clássico dos Irmãos Grimm com a casinha de doces. Quem dá conselho aos meninos são vozes. Depois de matar a velha eles pegam suas riquezas e voltam para casa.

Outras bruxas e feiticeiras brasileiras:

A Mulher e a Filha Bonita (recolhida e recontada por Sílvio Romero. 2000, p.213)

Este conto é uma versão de Branca de Neve. Uma mãe inveja a beleza da filha e resolve matá-la, mas o encarregado de fazê-lo não tem coragem. A menina vai parar no Palácio dos Ladrões, no meio da floresta, que fazem um pacto de tratá-la como irmã e lá ela vive feliz. A mãe descobre que ela está viva e manda uma velha feitiçeira matá-la. A velha faz a menina dormir calçando-lhe um par de sapatinhos. Os ladrões colocam-na num caixão e a deixam na floresta. O príncipe a encontra e se apaixona. Leva o caixão para casa e coloca em seu quarto. A princesa, sua irmã, vai curiosa ver o caixão e acha estranho uma moça tão bela e bem vestida estar com sapatinho de couro tão simples. Tira o sapato e a princesa acorda pedindo água. Ela avisa o irmão e se casam. A moça bonita engravida e a parteira é a feitiçeira, que troca os filhos por um sapo e uma jia. O príncipe, que estava fora, é avisado que sua esposa dera à luz dois bichos e manda matar a esposa. O rei com pena, corta apenas um seio e a desterra. A feitiçeira entrega os filhos para ela, que vai viver na casa de um gigante. Lavando o rosto num rio, ela molha a mão e passa no seio que se refaz. Um dia o príncipe passa por ali, vê os filhos, vê a mulher, se arrepende e voltam a viver juntos.

Pedro, José e João (recolhida e recontada por Câmara Cascudo. 2000, p. 125)

Este é um conto clássico brasileiro recolhido por Câmara Cascudo. Um pai viúvo tem três filhos. Chegou o momento de saírem pelo mundo. O pai oferece: bênção e pouco dinheiro ou maldição e muito dinheiro. Os dois primeiros escolhem a segunda opção. Cada um por sua vez vai parar na casa de uma velha que pede que amarrem num fio de cabelo o cavalo, o cachorro e a espada antes de entrarem porque ela tem medo. Ela os convida para um banquete e depois para uma luta corporal. Quando os rapazes se dão conta da força da velha pedem ajuda ao cavalo e ela faz sua magia: "engrossa, engrossa, meu cabelão". Pedem ajuda ao cachorro e à espada e a mesma magia se dá. Os rapazes são vencidos e jogados num alçapão, cada um por sua vez, onde

havia vários outros jovens dominados pela velha. O terceiro filho opta pela benção e nenhum dinheiro. O pai lhe dá mais dinheiro do que deu aos outros. Ele também chega à casa da velha. João finge que amarra seus animais e a espada. Tudo se dá da mesma forma, só que durante a luta João chama o cavalo e ele está solto, o cachorro e a espada também acodem e acabam com a velha. Depois que a velha morre, o vento passa pela casa e os prisioneiros saem. A casa estava cheia de ouro. Queimam a velha. Ela explode na fogueira e de seu fígado que arrebenta pulam três ovos enormes. Os rapazes resolvem comer os ovos, mas quando os quebram, saem moças lindas que pedem água (como em a Moura Torta, como a moça bonita quando acorda). Colocam fogo na casa e vão se casar com as moças na cidade onde o pai delas era Rei. Elas tinham sido enfeitiçadas pela velha. Os irmãos de João e suas cunhadas ficam com inveja e tentam fazer intrigas, mas João e sua esposa herdaram o trono, perdoam os irmãos e vivem todos felizes.

VELHA "CÔMICA"

A Idade do Diabo (recolhida e recontada por Marco Haurélio em Contos e Fábulas do Brasil, 2016, p.140)

Um homem vende a alma ao Diabo. O Diabo vem cobrar e o homem se desespera. O Diabo impõe tarefas e desafios para livrá-lo da perseguição. Até que ele terá que adivinhar a idade do Demo. A velha empregada ouve e se dispõe a descobrir em troca de metade do dinheiro. Ela encontra o Diabo numa encruzilhada e levanta a saia mostrando as partes. O Diabo grita: "em 559 anos nunca vi nada igual!!!".

A Velha Amorosa (recolhida e recontada por Câmara Cascudo Contos Tradicionais do Brasil, 2000, p.220)

Velha se enamora de rapaz e se torna insistente. Ele, para se livrar dela, faz exigências de provas de amor que acabam por matar a velha.